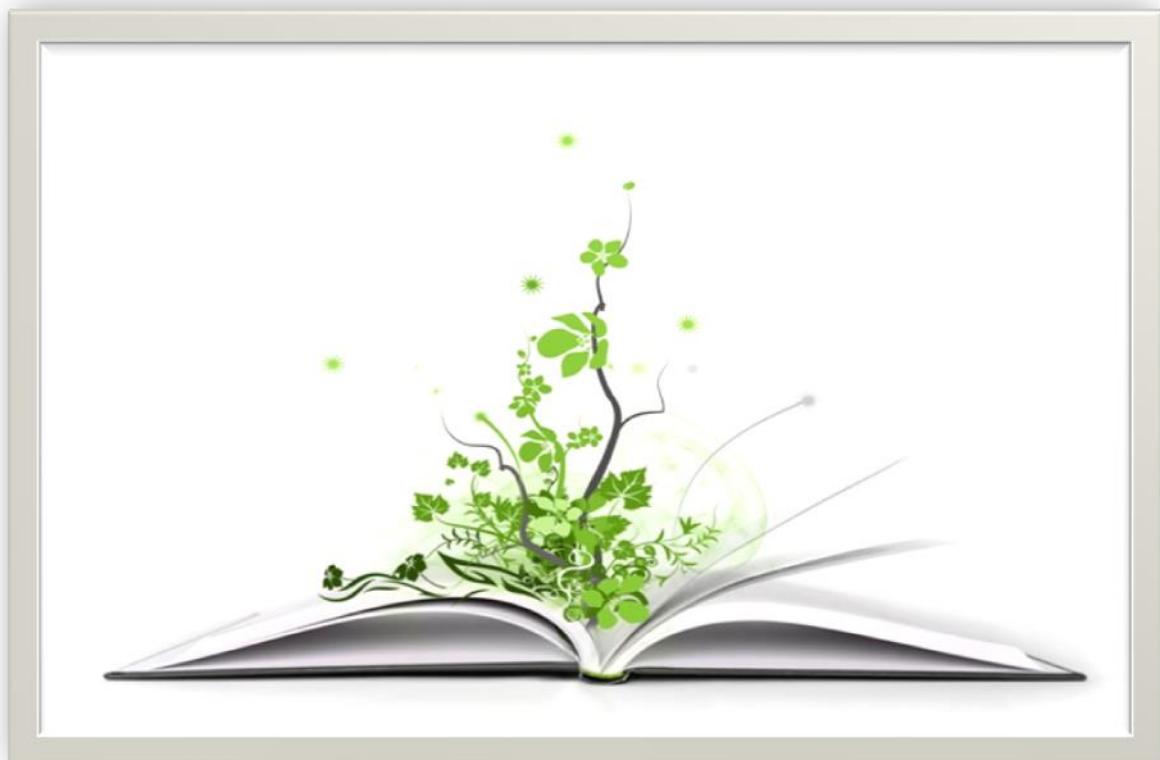




UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

ROSICLEIDE DE CARVALHO LEITE



BIBLIOTERAPIA PARA IDOSOS: CONEXÕES ENTRE FATOS E EXPERIÊNCIAS
PASSADAS

João Pessoa
2017

ROSICLEIDE DE CARVALHO LEITE

**BIBLIOTERAPIA PARA IDOSOS: CONEXÕES ENTRE FATOS E
EXPERIÊNCIAS PASSADAS**

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edna Gomes Pinheiro

**João Pessoa
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L533b Leite, Rosicleide de Carvalho.
Biblioterapia para idosos: conexões entre fatos e experiências passadas / Rosicleide de Carvalho Leite. – João Pessoa, 2017. 69f.: il.

Orientador(a): Prof^a Dr.^a Edna Gomes Pinheiro.
Trabalho de Conclusão de Curso (Biblioteconomia) – UFPB/CCSA.

1. Biblioterapia para idosos. 2. Velhice. 3. Envelhecimento. I. Título.

UFPB/CCSA/BS

CDU:02(043.2)

ROSICLEIDE DE CARVALHO LEITE

**BIBLIOTERAPIA PARA IDOSOS: CONEXÕES ENTRE
FATOS E EXPERIÊNCIAS PASSADAS**

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: 16/06/2017

Banca Examinadora:

Edna Gomes Pinheiro

Profª. Dra. Edna Gomes Pinheiro. (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba-Campus I

Maria Amélia Teixeira da Silva

Profª. Ma. Maria Amélia Teixeira da Silva
Universidade Federal da Paraíba-Campus I

Rosilene Agapito da Silva Llarena

Profª. Dra. Rosilene Agapito da Silva Llarena
Universidade Federal da Paraíba-Campus I

João Pessoa

2017

Dedico,

*A Deus, pela força e coragem durante esta longa
caminhada.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, à Deus, pois Nele encontrei força e coragem para prosseguir nessa caminhada. Deus, meu senhor, e meu tudo, por me conceder o dom da vida e a alegria de realizar sonhos e obter inúmeras conquistas que ainda virão. Por me dar forças nos momentos em que achei não ter mais, e assim colocar anjos em minha vida. Por ter dado a melhor família que eu podia ter. Eternamente grata por sua misericórdia em minha vida.

Aos meus pais Luiz Carvalho Leite e Maria de Lourdes Leite de Almeida (*in memoriam*) fontes de minha alegria.

Ao meu pai Luiz pela sua amizade, alegria e incentivo, por comemorar quando dei o primeiro passo na vida acadêmica, por ser o meu melhor amigo e grande amor, por ter me ensinado tantas coisas boas, ser uma pessoa honesta, responsável, e sempre respeitar as pessoas, ser educada e humilde, muito obrigada pai por tudo.

A minha linda e maravilhosa mãe Maria de Lourdes (*in memoriam*) que não estando em nosso convívio sempre esteve presente em meu coração, minha grande inspiração, pois sempre deu valor ao estudo, dando-me forças para continuar apesar das dificuldades e hoje, acima de tudo fica a minha felicidade diante da certeza de está realizando o seu desejo de mãe, e a onde quer que esteja agora com certeza está muito feliz pela minha conquista, muito obrigada mãe pelo seu amor por me, pelas noites que ficou sem dormir e por ter ensinado grandes valores que irei levar para sempre até o fim dos meus dias. Muitas saudades...

As minhas irmãs Rosineide, Maria Rosangela, Maria do Socorro, por todo amor, por depositar em mim além da confiança a credibilidade. Obrigada por acreditar em mim. Obrigada pelo companheirismo, amizade e por não me deixar desistir diante de tantas dificuldades.

Aos meus irmãos Manoel Neto, Israel, e Joflê Luilles, obrigada pelo companheirismo, por está sempre ao meu lado quando preciso, por confiar em mim e por me ter como sua segunda mãe, pelo amor de todos vocês. Todos vocês são minha razão de viver.

Aos meus sobrinhos que já rapazes sempre me apoiaram e me trouxeram muitas alegrias diante de tantas dificuldades. As minhas sobrinhas pequeninas que depois de um dia difícil encontrava a paz por está sempre brincando com elas. Amo muito vocês meus amores.

Ao Curso de Biblioteconomia ministrada pela Universidade Federal da Paraíba, pelas experiências adquiridas e compartilhadas em seus espaços, pois foram os melhores momentos da minha formação acadêmica.

As minhas amigas de longa data, amizade conquistada e alicerçada no amor de Deus. Obrigada pela força e por está presente nos bons e difíceis momentos da vida. As amigas que conquistei ao longo do curso, desde os primeiros dias, em especial a Damiana Marques (Dammy) Girene Sousa, Gerlaine, equipe de trabalhos acadêmico, por ter me sustentado e amparado ao longo de todos esses anos, e assim, construído uma relação de aprendizado mútuo e de amizade. E a minha amiga Maria da Conceição Medeiros por me acolher com tanto amor em sua vida e na sua turma, pois, estava desblocada e muito perdida sem rumo nenhum, sempre companheira, muito obrigada por tudo. Obrigada amigas pelas confidências, gargalhadas, desespero. Pelos maravilhosos e especiais dias ao lado de vocês.

A minha querida orientadora Edna Gomes Pinheiro, pela dedicação, paciência, inteligência. Obrigada por abraçar o meu sonho, lado a lado, orientando-me e concedendo-me conhecê-la. Quero agradecê-la por ter ajudado a definir o meu tema acreditar nele e me ajudar a desenvolvê-lo, mostrando força e sempre lembrando que somos capazes de concluir nossa pesquisa, estou muito feliz por ter escolhido você para ser minha orientadora, você superou todas as minhas expectativas, o que me faz admirá-la ainda mais. Muito grata. Obrigada por sua doce, leve e alegre companhia.

A todos os professores que contribuíram para minha formação. A todos aqueles que mesmo com uma palavra ou com ações acreditaram e depositaram em mim confiança e credibilidade.

Muito obrigada a todos que colaboraram para a pessoa que sou e à futura profissional que serei. Alegria imensurável pela realização de mais um sonho. Meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Pesquisa realizada no Lar da Providência Carneiro da Cunha, em João Pessoa-PB-Brasil, instituição que abriga idosos sem critérios de distinção, seja da ordem econômica, social, raça ou credo religioso. Enfatiza a relevância da Biblioterapia para os idosos, no que tange a expectativa de vida e o isolamento social, de idosos, tendo na leitura um dos caminhos para uma velhice plena e digna, daqueles que ausentes do lar, carente de família e de amigos buscam desnudar seus ideais, acreditando na certeza de que podem viver mais felizes. Aponta que a problemática da pesquisa está norteada pelos seguintes questionamentos: A Biblioterapia como prática social (re) significa a vida dos idosos residentes no Lar da Providência Carneiro da Cunha, onde ler faz a diferença? Como as atividades Biblioterapêuticas desenvolvidas focalizam as abordagens da Biblioterapia, a fim de estimular no idoso o prazer de viver? Constrói a fundamentação teórica sócio historicamente, com informações inerentes à Biblioterapia e a velhice. Subsidia o percurso metodológico com as orientações da pesquisa exploratória, descritiva, com abordagem qualitativa, apoiada nos princípios da história de vida e de leitura. Utiliza como técnica de coleta de dados a observação participante e a entrevista estruturada. Aponta que o universo da pesquisa está constituído por 90 idosos, do qual dez se tornaram sujeito da pesquisa. Conclui que as atividades biblioterapêuticas realizadas no Lar da Providência, estão diretamente relacionadas às propostas de inclusão e ressocialização dos idosos participantes dos projetos sociais desenvolvidos na instituição, uma vez que, as informações mediadas pela leitura compõem um saber que leva à autonomia, a resiliência e ao empoderamento. Constatamos, por meio do diálogo que mantivemos com os sujeitos da pesquisa, no levantamento dos fatos e experiências de cada um, o quanto a vida é valiosa, porém, efêmera e, por tal razão deve ser aproveitada intensamente, sob pena de na velhice depararmos com o sentimento do arrependimento.

Palavras-chave: Biblioterapia para idosos. Velhice. Envelhecimento.

ABSTRACT

Research carried out in the home of Providence Carneiro da Cunha, in João Pessoa-PB-Brazil, an institution that houses seniors without distinguishing criteria, be it economic, social order, race or religious creed. Emphasizes the relevance of Bibliotherapy for seniors, with respect to life expectancy and social isolation of elderly people, taking in reading one of the paths to a full and dignified old age, those who were absent from the home, without family and friends seek to strip his ideals, believing in the certainty that they can live happier. Points out that the problem of research is guided by the following questions. The Bibliotherapy as social practice (re) means the life of the elderly living in the home of Providence Carneiro da Cunha, where read makes a difference? How bibliotherapists developed activities focus on the approaches of Bibliotherapy, in order to stimulate the pleasure of living in the elderly? Build the theoretical Foundation partner historically, with information related to the Bibliotherapy and old age. Subsidizes the methodological path with the exploratory, descriptive research, with a qualitative approach, supported the principles of life and history of reading. Used as data collection technique to participant observation and the structured interview. Points out that the search universe is made up of 52 elderly people, of which ten became subject of research. Concludes that the bibliotherapists activities carried out in the Home of Providence, are directly related to the proposed inclusion of the elderly participants of resocialization and social projects developed in the institution, since the information mediated by reading a know that leads to independence, resilience and empowerment. We see, through the dialogue we have had with the subjects of the survey, the survey of facts and experiences of each, how much life is valuable, however, ephemeral and, for that reason should be used intensively, on pain of old age faced with the feeling of regret.

Keywords: Bibliotherapy for seniors. Old age. Aging.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FBN - Fundação Biblioteca Nacional

HIAS - Hospital Universitário Infantil Albert Sabin

NAAC - Núcleo de Apoio a Criança com Câncer na Paraíba

NUPE - Núcleo de Projetos Especiais da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro

OMS – Organização Mundial de Saúde

PhD – Philosophiæ Doctor

PNI – Política Nacional do Idoso

PROLER - Programa Nacional de Incentivo à Leitura

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Causas Motivadoras de chegada ao Lar da Providência.....	37
Gráfico 2 – Do que sentem saudades?.....	40
Gráfico 3 – Ler e escrever.....	42
Gráfico 4 – Leitura e escrita.....	43
Gráfico 5 – Qual a importância da leitura?.....	45
Gráfico 6 – O que você gosta de ler?.....	46
Gráfico 7 – Que tipo de obra você gosta de ler?.....	47
Gráfico 8 – Prefere ouvir ou contar história?.....	48
Gráfico 9 – Te incomoda ser chamado de velho?.....	53
Gráfico 10 – O que contaria se pudesse escrever um livro?.....	55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: a interseção de ideias.....	14
2.1 IDOSO, VELHICE OU TERCEIRA IDADE: categorizando uma etapa da vida.....	14
2.2 A BIBLIOTERAPIA AO LONGO DO TEMPO.....	18
2.3 BIBLIOTERAPIA: bases conceituais e tipologia.....	22
2.4 BIBLIOTERAPIA E EMPATIA: o que dizer sobre elas no cenário da leitura terapêutica.....	28
3 PERCURSO METODOLÓGICO.....	31
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	31
3.1.1 <i>O local da pesquisa: breve histórico.</i>	31
3.1.2 <i>Revelando os sujeitos da pesquisa.</i>	32
3.1.3 <i>Os Procedimentos Metodológicos.</i>	33
4 ANÁLISE E RESULTADOS DOS DADOS EMPIRICOS.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	58
APENDICES.....	62
APÊNDICE A – Roteiro da entrevista com os sujeitos da pesquisa.....	63
APÊNDICE B – Fotos do Lar da Providência.....	65
APÊNDICE C – Fotos do Lar da Providência.....	66
ANEXOS.....	68
ANEXO A – Ofício para o Lar da Providência – autorização da pesquisa.....	69

1 INTRODUÇÃO

A vida contemporânea é marcada pela correria e preocupação com a resolução dos desafios e adversidades que se insurgem corriqueiramente. Assim, as relações humanas vão sendo cada vez mais deixadas de lado, e sequer, pequenos gestos de gentileza e afeto são direcionados as pessoas que nos cercam.

Ninguém está isento dessa realidade, especialmente, aquelas pessoas que já atingiram a terceira idade. Abandonadas pela sociedade e por seus familiares, os idosos sofrem com a solidão, o desprezo e o sentimento de inutilidade, o que torna mais difícil percorrer essa etapa da vida, não bastasse os malefícios naturais do envelhecimento.

Assim sendo, a ideia de realizarmos uma pesquisa com foco nessa realidade, nasceu desde o primeiro contato com o Curso de Graduação de Biblioteconomia, o qual desencadeou a curiosidade e a inquietação de entendermos melhor a conjuntura social, política e humana que circunda o espaço da velhice, do idoso, do envelhecimento e da terceira idade, conceitos complexos que requerem esclarecimentos de suas diversas dimensões, por serem utilizados, rotineiramente, para designar uma etapa da vida.

Diante dessas considerações, a realização da pesquisa se justifica, a partir da sintonia existente entre a pesquisadora, a leitura e a informação, adquiridas na trajetória acadêmica do Curso supracitado, associada ao interesse e a paixão, despertado pela literatura pertinente, e pelo envolvimento dos discentes e docentes nos projetos de Biblioterapia existentes no curso, que utiliza essa técnica para proporcionar novas e diferentes experiências às pessoas da terceira idade. A justificativa teórica se funda na revisão literária realizada, cujos diversos estudiosos e pesquisadores da temática nos levam a acreditar que a Biblioterapia pode contribuir no crescimento pessoal do idoso, ao passo que trabalha sentimentos, valores e comportamentos, por meio do uso do livro que é um recurso potencialmente terapêutico (PINTO, 1999, p. 33).

Posto isso, tencionamos através deste estudo destacar que a Biblioterapia é uma prática basilar que aprofunda certos valores e significados, consegue descobrir novas possibilidades e outras realidades e, assim, oportunizar a melhoria da qualidade de vida dos idosos. Todavia, para que essa atitude se concretize, é preciso recorrer a fenômenos vigentes no contexto social e cultural do envelhecimento. É preciso repensar e rever metodologias adotadas no processo de socialização dos idosos.

Diante dessas considerações, essa pesquisa foi realizada no Lar da Providência Carneiro da Cunha – João Pessoa/Paraíba, Nordeste do Brasil – instituição sem fins lucrativos que abriga e cuida de pessoas idosas.

Posto isso, foram delineados os seguintes problemas de pesquisa: A Biblioterapia como prática social (re) significa a vida dos idosos no Lar da Providência Carneiro da Cunha, onde ler faz a diferença? Como as atividades Biblioterapêuticas desenvolvidas focalizam as abordagens da Biblioterapia, a fim de estimular no idoso o prazer de viver?

Daí a tônica deste trabalho, visto que seu objetivo geral é analisar, na prática, como a Biblioterapia pode dar sentido à vida do idoso, daqueles que na defensiva ante o preconceito e a falta de respeito, lutam para configurar a sua vida e dar-lhe um novo sentido. Assim, ancorados no seu potencial e no diálogo constante do ser humano com o mundo, encontram conteúdos significativos e valores que os levam a entender que ao agir, o homem interage com o seu contexto e busca dar um novo sentido a sua vida.

Nesse contexto, a fim de viabilizarmos a consecução do objetivo geral da pesquisa, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- a) Averiguar a importância da Biblioterapia no cotidiano dos idosos do Lar da Providência Carneiro da Cunha;
- b) Conhecer como são planejadas as atividades biblioterapêuticas junto aos idosos do Lar da Providência Carneiro da Cunha;
- c) Registrar as histórias/memórias/lembranças de leituras dos idosos que residem no do Lar da Providência Carneiro da Cunha.

Assim sendo, a pesquisa estruturou-se em seções, dispostos da seguinte forma:

Introdução: que aborda aspectos gerais do tema A Biblioterapia para idosos: conexões entre fatos e experiências passadas; justificativa, que consiste na demonstração das razões que conduziram à escolha da temática, seguida dos objetivos, que são as finalidades que se pretende atingir com a pesquisa. **Fundamentação teórica:** elaborada com base na pesquisa bibliográfica nas diversas fontes, oportunizando o conhecimento dos conceitos, objetivos, características e benefícios da temática proposta. **Percorso metodológico:** que envolve a caracterização, detalhamento do campo de pesquisa, e fragmentos de realidades consultadas.

Análise e Resultado: fundada na análise das entrevistas coletadas para se obter o diagnóstico que orienta este TCC. Em seguida as **Considerações finais:** evidenciam a concretização dos objetivos e da metodologia selecionada, com a demonstração da importância da Biblioterapia para os idosos e como tais ações podem ser desenvolvidas. Segue-se com as **Referências:** que

fornecem à entrevista o embasamento necessário ao conteúdo e o **Apêndice:** questionário utilizado junto à instituição.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: a interseção de ideias

Ressaltamos que essa seção foi contemplada com as diversas ideias de autores que contribuíram para o embasamento teórico da pesquisa, e subsidiaram as análises e interpretação dos dados coletados efetuadas à luz das teorias existentes sobre Biblioterapia. Assim sendo, esse item foi dedicado aos textos que mais nos chamaram atenção, haja vista a sintonia entre os nossos pensamentos e as ideias dos autores citados. Posto isso, tentamos registrar nas seções que se seguem, informações importantes para “esclarecer e justificar o problema em estudo e o que serviu para orientar o método do trabalho e os procedimentos de coleta e análise de dados” (MELLO, 2006, p. 87).

2.1 IDOSO, VELHICE OU TERCEIRA IDADE: categorizando uma etapa da vida

Preliminarmente, registe-se que a Lei nº 8.842/1994, que trata da política nacional do idoso (PNI), a Lei nº 10.741/2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2017), e a Organização Mundial de Saúde (OMS), definem idoso como pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

De acordo com o relatório divulgado pela OMS em 2015, em 2050, o número de homens e mulheres com mais de 60 anos será duas vezes maior, representando um aumento de 12,3% para 21,5% da população do planeta (KNOPLOCH, 2015).

A terceira idade, cada vez mais tem sido objeto de estudos e pesquisas entre especialistas e profissionais que se debruçam na análise psicossocial do ser humano (COGO, 1998, p. 25).

Cumpre destacar que na Idade Antiga, a velhice era comparada ao inverno sombrio, frio e improdutivo, ideia que traduzia a desvalorização dessa fase da vida humana. Algumas sociedades, por exemplo, abandonavam seus idosos, ou eles mesmos decidiam se abandonarem nos desertos, geleiras ou outras regiões hostis, no desejo de acelerarem sua morte (SINÉSIO, 1999).

Essa postura é advinha – o que não é diferente nos dias atuais – de uma visão distorcida e preconceituosa da velhice, associada à errônea concepção de dispensabilidade, uma atmosfera de indiferença pelos idosos, em decorrência da perda de sua capacidade laborativa, da debilidade, do surgimento natural das enfermidades físicas e mentais predominava. Logo, não é difícil compreender, que para uma pessoa de mais idade ter uma velhice relativamente tranquila, era necessário encontrar piedade e compaixão dos outros.

A expressão “velho” traz em si uma carga negativa, cujo destinatário que recebe tal rótulo, passa a ser visto como ultrapassado e inservível. Resultado de uma opressão implantada pelo sistema econômico e estrutura social capitalista, possui diferentes abordagens, podendo significar:

Perda, deterioração, fracasso, inutilidade, fragilidade, decadência, antigo, que tem muito tempo de existência, gasto pelo uso, que há muito tempo possui certa realidade ou exerce certa profissão, obsoleto e não adequado à vida, dando impressão de que o velho vive improdutivamente e está ultrapassado pela nossa sociedade [...] (SIMÕES, 1998, p. 18).

Faz-se mister, eliminar a ideia de declínio, rechaçando o pensamento de velhice como presságio de morte, e passar a enxergá-la como uma etapa da vida, com as mudanças que lhe são próprias, pois, deve-se “entender que a velhice não significa uma decadência e sim uma sequência da vida” (SIMÕES, 1998, p. 29).

Comungando com essa linha de pensamento, ao refletir sobre a posição moral da categoria velho, divaga Salgado (1997, p. 18):

As sociedades precisam, urgentemente, reformular suas ideias sobre a velhice eliminando as posturas preconceituosas que tanto aviltam a dignidade que durante milênios de evolução, a espécie humana tem lutado para conquistar. É necessário que se prolonguem ou se criem oportunidades novas para os que envelhecem, mantendo-os ativos e participantes segundo suas condições psicofísicas para, com isso, devolver-lhes sua total dimensão.

A sociedade deve tomar consciência de que as pessoas idosas precisam ser respeitadas em sua condição, e não apenas toleradas, ao passo que a imagem que deve guardar de alguém que já atingiu a velhice é a bagagem de experiência, de sabedoria, de luta, de conhecimento e de força de vida. As pessoas precisam de uma vez por todas introjetar que a terceira idade é uma nova etapa da vida, na plenitude de toda a sua beleza, e não o seu ponto final. Medeiros (*apud* CASSIS, 2004, p. 130) coopera: “Quero ser aceita como sou, com a experiência que acumulei e até com a minha lentidão”.

Ante essa realidade, na medida em que a população idosa cresce anualmente, também devem ser ampliadas as ações que se preocupem com a valorização e preservação da qualidade de vida dessa parcela da sociedade.

No entender de Fraiman (1995, p. 20), são vários os conceitos de idade: a *idade cronológica* – que nada nos relata sobre sua existência ou personalidade, considerando que o indivíduo é muito mais do que a simples expressão de suas atuais condições físicas; a *idade*

biológica – que não mantém relação necessariamente cronológica, posto que, para uma mesma idade, existem diversas diferenças entre pessoas; a *idade social* – determinada por regras e expectativas sociais, categorizando as pessoas em seus direitos e deveres como cidadãos, atribuindo-lhes tarefas segundo as idades cronológica e biológica; a *idade existencial* – a que menos é levada em consideração para fins sociais e corresponde à soma de experiências pessoais e de relacionamentos acumuladas ao longo do tempo.

Não se pode olvidar que o envelhecimento refere-se a um processo vitalício, onde os padrões de vida que desenvolvem um envelhecimento com saúde são constituídos na gênese da vida. No entanto, os fatores socioculturais determinam a imagem que a sociedade tem sobre os idosos e modelo de relação que estabelece com esse segmento da população. Sob esse prisma biogerontológico, leciona Papaléo Netto (2002, p. 10) ao elaborar a seguinte definição de envelhecimento:

O envelhecimento (processo), a velhice (fase da vida) e o velho ou idoso (resultado final) constituem um conjunto cujos componentes estão intimamente relacionados. [...] o envelhecimento é conceituado como um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que determinam por leva-lo à morte. (PAPALÉO NETTO, 1996). [...] As manifestações somáticas da velhice, que é a última fase do ciclo da vida, as quais são caracterizadas por redução da capacidade funcional, calvície e redução da capacidade de trabalho e da resistência, entre outras, associam-se a perda dos papéis sociais, solidão e perdas psicológicas, motoras e afetivas.

Vivemos numa época em que o novo é enaltecido, enquanto o velho é subestimado e desprezado. A sociedade resiste em assumir o envelhecimento, na medida em que tenta desesperadamente criar meios para prolongar a juventude ou a ilusão de que ela pode ser eternizada. Sob esse ponto de vista, a terceira idade passa a ser motivo de vergonha e depressão. Custa-se a aceitar as rugas, os cabelos brancos e as limitações próprias da idade avançada.

Para Dias (2004, p. 1): “a velhice aparece como uma janela aberta para a questão do tempo”. Devido à diminuição da velocidade do ritmo biológico e do comprometimento das funções orgânicas, a velhice, ao invés de ser aceita como uma etapa natural do tempo biológico torna-se algo indesejado, razão pela qual, na maioria dos casos “o indesejável deixa de ser apenas a morte e passa a ser o próprio estado de velhice, de envelhecimento” (DIAS, 2004, p. 1).

Nesse panorama social contemporâneo, de preponderância da efemeridade e da não permanência, não há muito espaço para os idosos, que acabam ficando desprotegidos e marginalizados, descambando na dificuldade de auto aceitação e/ou rejeição, por parte do idoso, de seu próprio envelhecimento. Essa triste realidade é acentuada, porque a construção da concepção da velhice perpassa por crenças, preconceitos, mitos, estereótipos que, na atual sociedade manifestam-se através de representações depreciativas do processo do envelhecimento e do indivíduo que envelhece, delimitando o seu lugar social (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 5).

Na verdade, o preconceito contra os idosos chega a ser mais intenso se comparado ao racial, visto que aqueles, muitas das vezes são ignorados pela sociedade, como se de fato não existissem, ao invés de receberem carinho e atenção.

Compreendem Rossi, Rossi e Souza (2007, p. 326) que “[...] grande parte dos idosos sofre com as alterações de valores culturais e com a quebra do tradicionalismo, ocasionando conflitos com a geração mais jovem”.

De fato, ao atingirem a terceira idade ou se aposentarem, os idosos se deparam com um período de adaptação a esta nova realidade, e enfrentar tais situações é na maioria dos casos muito difícil, desencadeando sentimentos de frustração, desilusão, amargura, solidão, baixa-autoestima, dentre outros. Rossi, Rossi e Souza (2007, p. 327) afirmam que “Quando os idosos se aposentam, desenvolvem ansiedade e reações depressivas devido à ociosidade, além da sensação de abandono e crises existenciais”.

Sendo assim, é indispensável o apoio dos amigos e familiares, encorajando-os a compreender que este momento constitui a melhor idade, e, desse modo, ajuda-los a encará-la com entusiasmo, desfrutando dos momentos de descanso e lazer.

É bem verdade que o envelhecimento da população é, sem dúvidas, uma das mais valiosas vitórias da humanidade, mas, na mesma proporção, continua sendo um dos seus maiores desafios. Talvez, a sociedade seja tendenciosa a ignorar as questões relacionadas à velhice e ao envelhecimento, porque tais assuntos apontam para nossa própria fragilidade, e nos relembraria, a todo o instante, o quanto a vida é efêmera.

Que se trata de um desafio para a sociedade como um todo, isto é fato consumado, o que nos resta é promover ações que tornem o envelhecimento uma experiência positiva, não só para o idoso, mas, para a humanidade, pois, a juventude de hoje, será a terceira idade de amanhã.

Foi preocupada com essa questão que a OMS (2005), vem, trabalhando desde 2005 com o termo “envelhecimento ativo”, que consiste no “[...] processo de otimização das

oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas”. Entretanto, não se trata de responsabilidade tão somente dos governos e entidades públicas, o envelhecimento ativo depende do envolvimento de todos: familiares, amigos e de todos os profissionais que de algum modo, lidam com aqueles que já atingiram a melhor idade.

Nessa perspectiva, entra em cena a Biblioterapia como valorosa ferramenta de promoção e desenvolvimento do envelhecimento ativo, pois, através da leitura e de atividades de lazer e socialização, pode-se dar sentido e melhorar a vida dos idosos.

2.2 A BIBLIOTERAPIA AO LONGO DO TEMPO

Sem adentrar pormenorizadamente em sua definição, visto que a isso será dado tratamento mais a frente, é oportuno destacar que Ryan *apud* Orsini (1982), propaga que a Biblioterapia consiste em uma arte, e não uma ciência. Nos dias atuais, a Biblioterapia é tida como um campo de produção científica e de atuação profissional envolvendo médicos, educadores, psicólogos, bibliotecários, psiquiatras, assistentes sociais e terapeutas das mais diversas correntes.

A Biblioterapia surgiu da utilização da leitura para ajudar as pessoas na melhoria da qualidade de vida, auxiliando-as a encarar suas ansiedades, seus medos, problemas e situações de dificuldade. Não se trata simplesmente do ato de ler, mas, a interpretação de informações importantes e o seu uso com a intenção modificadora e transformadora que possibilita essa situação (GOMES, 2008, p. 1).

A literatura nos mostra que o uso da leitura como auxiliar no tratamento das mazelas do corpo e do espírito não é uma prática recente. Quaknin (1996, p. 27) confirma isso ao asseverar: “A Biblioterapia, uma novidade? Nem um pouco!”.

O manejo da leitura com finalidade terapêutica é antigo e não são poucos os registros que constatam essa utilização. No antigo Egito, o Faraó Rammsés II determinou que fosse colocada no frontispício de sua biblioteca a expressão “Remédios para a alma”, onde as bibliotecas egípcias ficavam situadas em templos denominados de “casas de vida”, significando locais de conhecimento e espiritualidade (FERREIRA, 2003 *apud* ROSA, 2006).

Com os romanos, Aulus Cornelius Celsus, renomado médico e enciclopedista da época, também atribuiu à leitura, a função de tratamento médico, ao recomendar a prática da leitura, seguida da discussão acerca das obras de grandes oradores como recurso terapêutico, no processo de desenvolvimento da capacidade crítica dos pacientes (ORSINI, 1982). Já

durante a Idade Média, “Tesouro dos remédios da alma”, era a inscrição que constava na biblioteca de Abadia de São Gall (ALVES, 1982).

Igualmente os gregos associaram aos livros a destinação para fins de tratamento médico e espiritual, ao idealizarem suas bibliotecas como “a medicina da alma”. Em 1272, o Hospital Al Mansur, recomendava leitura de trechos selecionados do Alcorão como parte do tratamento médico (MARCINKO, 1989).

De acordo com Rosa (2006 *apud* LEITE, 2009), foi no final do século XVIII que os livros foram aplicados no tratamento de pacientes com transtornos psiquiátricos nos países da França, Inglaterra e Itália.

Como se infere, muitas pessoas, em épocas longitudinalmente diferentes, já haviam despertado para o valor da leitura como um agente transformador. Registre-se, ainda, que a leitura de alguns religiosos contribuiu para o ressurgimento do uso terapêutico da leitura em hospitais que tratavam de doentes mentais em meados do século XIX. No ano de 1802, Benjamin Rusch se destacou como o primeiro pesquisador norte-americano a prescrever a leitura para doentes de um modo geral, e em 1810, igualmente indicou a Biblioterapia como forma de apoio à psicoterapia de pessoas portadoras de conflitos internos, depressão, medos ou fobias, bem como para idosos (ALVES, 1982).

Na década de 20 houve uma disseminação de ações voltadas ao desenvolvimento da Biblioterapia, com importantes posicionamentos como o de Beatty (1962 *apud* VÁSQUEZ, 1989, p. 32), ao externar que “se fosse um médico, eu faria dos livros uma parte do material médico e os prescreveria aos meus pacientes, de acordo com as suas necessidades”.

Só a partir da década de 30, é que a Biblioterapia, de fato, se firmou como um campo de pesquisa, onde merecem destaques, as biblioterapeutas Isabel Du Boir e Emma T. Foreman, notadamente esta última, que lutou para que a Biblioterapia fosse enxergada e estudada como uma ciência e não como uma arte (ORSINI, 1982). Deste modo, nas décadas de 40 a 60, pôde-se notar um aumento de estudos e publicações.

No ano de 1942, tem-se a contribuição da pesquisadora Ilse Bry, formada em Psicologia, Filosofia e Biblioteconomia, ao publicar o trabalho “Aspectos médicos da literatura: um esboço bibliográfico” (ORSINI, 1982).

No período compreendido entre 1946 a 1950, eclodiu um crescimento crescente e contínuo na quantidade de artigos sobre Biblioterapia e, de acordo com Rubin (1978 *apud* VÁSQUEZ, 1989, p. 34) “o passo significativo no final dos anos 50 foi a determinação da Associação de Bibliotecas de Hospitais e Instituições, de apresentarem resultados alcançados

em estudos sobre Biblioterapia". Atividades dessa natureza impulsionaram a troca de informações, favorecendo o desenvolvimento de pesquisas e estudos nesse rumo.

Em 1949, Lazarsfeld apud Orsini (1982) publicou um artigo cujo título aduzia "O uso da ficção na psicoterapia", onde eram narradas as reações dos pacientes frente aos textos e as linhas dos livros recomendados, chegando às diversas conclusões. Este trabalho foi de grande valia para que a autora iniciasse um processo de autoconhecimento, realçando, desse modo, a carência de uma intensa autoanálise para qualquer pessoa que se interessasse em trabalhar com Biblioterapia. Ainda no ano de 1949, desponta o primeiro PhD em Biblioterapia, com Caroline Shrodes, ao defender sua tese de dissertação "Biblioterapia: um estudo teórico e clínico-experimental", criando as bases da Biblioterapia atual. Por sua vez, em 1951, surge o segundo PhD, Esther A. Hartman, da Universidade de Stanford, com a tese "A literatura imaginativa como uma técnica projetiva: um estudo de Biblioterapia" (RYAN *apud* ORSINI, 1982).

Segundo Ratton (1975), no que tange a definição da Biblioterapia, esta ocorreu pela primeira vez no Dorland's Illustrated Medical Dictionary, na edição de 1941, como o emprego de livros, por meio da literatura dirigida, no tratamento de portadores de doenças mentais.

O Webster's Third International Dictionary apud Ratton (1975, p. 15), em sua edição de 1961 apresentou a seguinte definição: "Uso de material de leitura selecionada, como coadjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia", além de "Guia na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida", onde esta última foi adotada como oficial pela Associação para Bibliotecas de Hospitais e Instituições. Por fim, Ruth Tews conceituou Biblioterapia como um programa de atividades selecionadas que reúnem materiais de leitura planejados, utilizado de maneira conduzida e controlada, para fins de tratamento de problemas emocionais, sob orientação médica (ALVES, 1982).

Muitos avanços foram obtidos na década de 70, no sentido de proporcionar uma base bem mais ampla para o desenvolvimento da Biblioterapia como um campo a ser explorado por psicólogos, médicos, educadores, bibliotecários e outros profissionais que se dedicavam em registrar os benefícios da respectiva etapa, quando empregada no atendimento dos diferentes tipos de clientes/pacientes. Por conseguinte, nas décadas de 80 e 90 houve um aprofundamento das tratativas teóricas, até aquele instante, consideradas questionáveis, resultando no surgimento de novos métodos e uma perseverante necessidade de pesquisas, a fim de assegurar cada vez mais suas aplicações e a moldagem de novas tendências (MARCINKO, 1989).

No Brasil, a prática da Biblioterapia teve início, consoante aduz Almada (2003 *apud* RIBEIRO, 2006, p. 117), com projetos de extensão, realizados na década de 70.

Dentre eles, merece destaque o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com seu “Carro-Biblioteca”, que levava, às vilas de Porto Alegre, livros de lazer e de auxílio às atividades escolares e o das “Caixas estantes”, que emprestava livros de literatura infantil para escolas públicas e particulares.

Também guarda relevância, uma atividade biblioterapêutica, intitulada a “Hora do Conto”, tratava-se de um projeto de leitura de contos nos hospitais, asilos, creches e escolas. Havia, igualmente, o projeto denominado “Livro de Cabeceira” que realizava sessões de leitura de contos em hospitais, além de emprestar livros para os pacientes (ALMADA, 2003 *apud* RIBEIRO, 2006).

Na década de 90, uma significativa iniciativa foi tomada, resultado da parceria entre a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a chamada “Casa da Leitura”, gerenciada pelo Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER). Daí em diante, nasceu a proposta de uma biblioteca infantil, na qual seriam realizadas sessões de contos infantis nas enfermarias pediátricas do Hospital Universitário Graeffe Guinle (ALMADA, 2003 *apud* RIBEIRO, 2006).

Não se pode deixar de frisar, o projeto “Biblioteca Viva em Hospitais”, iniciado em 2000 e desenvolvido com o apoio do Ministério da Saúde, da Fundação Abrinq e, ainda do Citibank. O referido projeto promoveu a capacitação de representantes do Instituto Fernandes Figueira, do Instituto de Puericultura Martagão Gesteira e do Hospital Municipal Jesus, para a realização de sessões práticas de leitura de livros infantis em suas respectivas enfermarias pediátricas, desempenhadas por voluntários. No Hospital Municipal Jesus, o projeto, vinculado ao Núcleo de Projetos Especiais (NUPE) da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, recebeu a doação de mil livros infantis, além de tapetes e almofadas para acomodar as crianças no horário das atividades de leitura (ALMADA, 2003 *apud* RIBEIRO, 2006).

Não se pode deixar de registrar as contribuições de Caldin (2002), Moreno (2003) e Pinheiro (2002) promoveram a implantação da Biblioterapia com crianças, em hospitais, no Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no Hospital Universitário Infantil Albert Sabin (HIAS), no estado do Ceará, e no Núcleo de Apoio a Criança com Câncer (NAAC), na Paraíba, respectivamente.

É notória a contribuição marcante das instituições de ensino superior no desenvolvimento desses projetos, impulsionando para a continuidade de vários projetos

espalhados pelo Brasil, onde a Biblioterapia é aplicada em hospitais, presídios, asilos, com todas as faixas etárias e situações: crianças, jovens, adultos, idosos, dependentes químicos, portadores de doenças crônicas e em estado terminal, dentre outros casos, e, em grande parcela dos casos, obtendo ótimos resultados.

Hodiernamente, a Biblioterapia consiste em um campo de produção científica que conta com a participação de diversos profissionais, inclusive com a atuação dos bibliotecários, o que a torna interdisciplinar e dinâmica.

2.3 BIBLIOTERAPIA: bases conceituais e tipologia

A Biblioterapia é uma atividade em que se faz uso de materiais bibliográficos e/ou atividades lúdicas no escopo de auxiliar pessoas com problemas de ordem emocional e social, e assim, buscar uma melhor qualidade de vida e uma melhor maneira de enfrentar os problemas (PEREIRA, 1996).

Como já foi possível perceber-se nas linhas antecedentes, a Biblioterapia não é um fenômeno abrolhado recentemente, tampouco traduz uma técnica em fase experimental, mas, seu surgimento se confunde com a própria história da humanidade, desde seus primórdios, quando os nossos antepassados emprestavam aos livros o encargo de tratar das mazelas físicas e espirituais.

Mas, de fato, o que é Biblioterapia? Buscando no étimo da palavra, o termo Biblioterapia é formado por duas palavras gregas: *biblion* ($\beta\imath\beta\lambda\imath\text{o}$) = livro e *therapeia* ($\theta\epsilon\pi\alpha\pi\epsilon\imath\alpha$) = terapia, que traduz a importância do tratamento baseado na leitura de livros ou qualquer material bibliográfico. Em suma: terapia por meio de livros. Por sua vez, a palavra terapia, no grego como no hebraico, tem o significado de atitude preventiva. Sendo assim, o terapeuta representava aquele que cuida, e os inaugurais terapeutas foram os filósofos – cuidavam do corpo e do espírito. Dedicavam-se ao corpo e ao sopro de vida que anima o corpo (QUAKNIN, 1996).

Nesse sentido, Quanknin (1996, p. 14) nos presenteia com valiosa passagem ao externar: “O ser humano vivo é um corpo falante. O sopro da vida passa pelo sopro da palavra. O terapeuta cuida da palavra que anima e informa o corpo. Curar alguém é fazer falar e observar todos os obstáculos a essa palavra no corpo”.

Marcinko (1989 *apud* ROSA, 2006, p. 17) doutrina que a Biblioterapia:

Pode ser tanto um processo de desenvolvimento pessoal como um processo clínico de cura, que utiliza literatura selecionada, filmes e participantes que desenvolvem um processo de escrita criativa com discussões guiadas por um facilitador treinado com o propósito de promover a integração de sentimentos e pensamentos a fim de promover auto-afirmação, auto-conhecimento ou reabilitação.

Pode-se afirmar que a Biblioterapia consiste em uma terapia por meio de livros (CALDIN, 2001). Isto, porque, segundo Hasse (2004), a função terapêutica da leitura reside na intensidade da experiência, e por tal razão a Biblioterapia objetiva curar um processo interativo por meio da leitura.

Para Cunha e Cavalcanti (2008, p. 55), o termo Biblioterapia pode ser concebido como a “utilização de livros e outros materiais de leitura em programas de leitura direcionada e planejada para auxiliar no tratamento de problemas mentais e emocionais, bem como desajustes sociais”.

Como uma das pioneiras na difusão da Biblioterapia, Caroline Shrodes, amplamente referenciada entre os autores que se dedicam ao tema, em 1949, foi a primeira PhD em Biblioterapia, e em sua tese nomeada “Biblioterapia um estudo teórico e clínico experimental”, semeou os alicerces da Biblioterapia hodierna. Ela definiu Biblioterapia como a prescrição de materiais de leitura que auxiliam o desenvolvimento da maturidade e que nutrem e mantêm a saúde mental (CALDIN, 2001, p. 3).

Orsini (1982) defende que a Biblioterapia consiste em uma técnica que pode ser claramente utilizada para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de enfermidades e problemas pessoais. Listou os objetivos como sendo de nível intelectual, social, emocional e comportamental. Portanto, a Biblioterapia colabora no autoconhecimento por meio da reflexão, reforçando modelos sociais almejáveis, proporcionando desenvolvimento emocional através das experiências vivenciadas e contribui para a mudança de comportamento. Igualmente para Pinheiro (2001, p. 28), a “Biblioterapia influencia a pensar, agir e formar o comportamento das pessoas”.

De fato, a Biblioterapia tem o potencial de modificar as atitudes e os comportamentos dos pacientes que lhe são submetidos, melhorando ou, nos mais exitosos casos, solucionando o problema tratado.

Nesse diapasão, Quaknin (1996, p. 16) registra que a “leitura é primeiramente um acontecimento solitário, um encontro privado com outro mundo, sozinho com o livro, sozinho consigo mesmo”. Nesse momento particular, o leitor assimilará informações do seu interesse,

adquirindo novos conhecimentos e percepções daquilo que foi lido, transportando para o seu cotidiano.

Agrupando as opiniões de diversos autores, tais como: Quaknin (1996), Caldin (2001), Ribeiro (2006) e Nascimento; Rosemberg (2007), é possível gizar que são objetivos da técnica biblioterapêutica: a) auxiliar na adaptação hospitalar; b) diminuir a sensação de isolamento; c) estimular novos interesses; d) aliviar o estresse e as tensões diárias; e) incitar o crescimento emocional; f) ajudar a lidar com sentimentos de raiva e frustração; g) ajudar a perceber que seu problema já foi vivenciado por outras pessoas e que estes são universais; h) auxiliar a libertar-se do medo, diminuindo a angústia, tristeza, e solidão; i) amenizar a depressão; j) facilitar a socialização; l) estimular a criatividade e a imaginação; m) aumentar a autoestima, proporcionando momentos de alegria e descontração; n) incentivar o hábito da leitura; o) proporcionar uma atividade de lazer.

Segundo Orsini (1982), a Biblioterapia poderá ser aplicada em diferentes áreas de atuação profissional. Podemos mencionar a:

Medicina Geral: tanto com adultos quanto com as crianças, tem sido aplicada a diversos problemas, incluindo deficientes visuais, idosos e doentes crônicos.

Psiquiatria: a técnica poderá ser aplicada em várias síndromes, como psicose, esquizofrenia, alcoolismo e problemas comportamentais; sendo que a biblioterapia, geralmente, é utilizada com outras técnicas, como o psicodrama, hipnose etc.

Educação: a utilização poderá mudar atitudes raciais, como *bullying* e desvio de comportamento, sendo valiosa para o ensino de crianças com dificuldade de aprendizado ou superdotadas.

Correcional: poderá ser aplicada em delinquentes juvenis, reclusos ou não em instituições de reabilitação social e química etc., sendo usada como meio de liberação de sentimentos hostis, para tratamentos específicos, ocasionados por drogas e transtornos emocionais.

As atividades biblioterapêuticas conduzem o paciente a compreender uma situação conflitante mediante leituras e sua pluralidade de interpretações, revelando-se uma prática favorável a todos aqueles que objetivam e necessitam superar a incapacidade de lidar com certas situações-problemas.

Tal fato só é possível, porque através da Biblioterapia, pode-se conferir o nível emocional, social e cultural de cada paciente, bem como o seu grau de depressão e ansiedade, sua própria reação à (sic.) sugestão de leitura e alusão a outros livros ou histórias, que podem trazer informações importantes (FONTENELE et al., 1995, p. 16).

Destaque-se, portanto, que a prática da leitura, é de peculiar importância para o pleno desenvolvimento das atividades de biblioterapia. “O ato de ler proporciona a possibilidade de diálogo para além do tempo e do espaço; é o alojamento do mundo para além dos limites [...]; é a exploração de experiências mais variadas, quando não podemos viver realmente” (SEITZ, 2006, p. 32).

Na aplicação da Biblioterapia, são utilizados textos literários ficcionais, desprovidos de fundo moral, visto que sua finalidade precípua é estimular o imaginário humano. Para Caldin (2009, p. 149), os textos devem demonstrar:

[...] conteúdos de ficção gostosos de ler, textos com lacunas a serem preenchidas pela imaginação e emoções dos leitores, ouvintes ou espectadores, ou, em outras palavras, aqueles textos de fruição que proporcionem a passagem da fala falada à fala falante, provocadores, catárticos.

Geralmente são manuseados livros contendo textos curtos, como contos, poesias, crônicas e poemas, pois a ideia central é que o público alvo mantenha o interesse pela história.

Segundo Clarice Fortkamp Caldin (2001, p. 8), são componentes terapêuticos:

- a) Catarse – pacificação das emoções;
- b) Humor – fator que transforma o objeto de dor em objeto de prazer;
- c) Identificação – assimilação que ocasiona a transformação;
- d) Introjeção – passar para dentro de si, de modo fantasístico, qualidade do outro;
- e) Projeção – transferência de ideias, sentimentos, expectativas e desejos;
- f) Introspecção – reflexão, percepção interior.

Tais elementos acima fazem com que o paciente adquira um novo e diferenciado olhar acerca dos seus problemas. Ranton (1975, p. 200) assegura que “o livro é capaz de proporcionar uma série de benefícios, incluindo dentre eles: o aumento de auto-estima, o desenvolvimento de atitudes sociais desejáveis e escolha de valores facilitados pela identificação com personagens, e estímulo para a criatividade”.

Quanto à catarse, Caldin (2009, p. 39) clarifica que é a pacificação das emoções, e propaga que o filósofo Aristóteles já explorava esse conceito “ao analisar a tragédia e verificar que o prazer sentido pelo espectador frente a uma representação teatral dessa espécie literária proporcionava-lhe alívio das pressões da vida diária”.

Quanto às modalidades, a Biblioterapia se desdobra em várias modalidades, que sob a visão de Pereira (1996) são assim catalogadas:

Biblioterapia Institucional – Se refere aquela de literatura, primeiramente didática, com clientes, individualmente, e que já se encontram institucionalizados. Inclui o uso médico tradicional de Biblioterapia, cujos textos de higiene mental são recomendados a pacientes mentais. Isso caracteriza uma situação especial de prescrição de livros para doenças específicas. Este tipo de terapia é exercido por uma bibliotecária juntamente com um médico ou com uma equipe médica. A meta é principalmente informática e recreativa, embora algum material interno possa ser oferecido. Este tipo de Biblioterapia não prevalece hoje, mas alguns programas semelhantes ainda existem. A Biblioterapia Institucional também inclui o uso da comunicação dos médicos com os pacientes individuais, em prática privada.

Biblioterapia Clínica – É a que se refere ao uso, numa primeira fase, da literatura imaginativa, com grupos de clientes com problemas emocionais ou comportamentais. Esses clientes podem ou não participar do programa voluntariamente. Os grupos podem ser liderados por um médico ou um bibliotecário, mas geralmente são implementados por ambos, um consultando o outro, o ambiente pode ser um instituto ou uma comunidade, objetivando uma possível mudança no comportamento.

Biblioterapia Desenvolvimental – Refere-se ao uso de literatura de modo imaginativo e didáticos com grupos de indivíduos normais. O grupo de Biblioterapia é designado e liderado pelo bibliotecário, professor ou outro profissional ajudante, para promover o desenvolvimento normal auto atuação ou para manter a saúde mental. A Biblioterapia Desenvolvimental pode ajudar em tarefas comuns, além de ajudar a suportar problemas individuais como divórcio, gravidez, morte e preconceitos, com refinamentos das tarefas desenvolvidas.

No que tange ao método biblioterapêutico, este, refere-se a uma dinamização e ativação da linguagem. As palavras não devem ser neutras ou imparciais, ao passo que a linguagem metafórica direciona o leitor para além de si mesmo, deixando-o livre para pensar e agir. O diálogo é a base da Biblioterapia. Para Nascimento (2007, p. 9) “[...] o diálogo pode ser uma fonte de restituição de vida em momentos de fragilidade, angústia, desespero ou descrença”.

As pesquisas realizadas por Benedetti (2008) expressam que a leitura é indubitavelmente uma atividade benéfica, sem contraindicações, recomendada para qualquer faixa etária. Como assaz mencionado, a literatura científica possui função terapêutica no processo de cura.

Corroborando com a ideia de que a leitura pode oferecer benefícios ao leitor, Ratton (1975, p. 200-202), relacionou alguns aspectos importantes. Observemos:

- a) possibilidade de se conhecer e sentir experiências em segurança (sem a necessidade de se passar por elas);
- b) compreensão dos problemas sociais de épocas diferentes, levando a mais fácil adaptação;
- c) superação da uniformidade do ambiente ao qual pertence a pessoa, o que é importante para a diversificação de interesses, criando condições de liberdade de escolha;
- d) transposição sem mobilidade no espaço para ambientes diferentes;
- e) amplitude da visão pelo conhecimento e comparação de pontos de vista alheios, com os do próprio indivíduo;
- f) aumento da auto-estima e consequente diminuição da timidez, pela superação dos sentimentos de culpa, de ser diferente e de inferioridade, desde que se possa constatar que os problemas humanos são universais;
- g)clareamento dos problemas difíceis de serem formulados e conscientizados pelo próprio indivíduo, que, entretanto os reconhece quando colocados por outros de maneira não agressiva e impessoal;
- h) desenvolvimento de atitudes sociais desejáveis e escolha de valores facilitados pela identificação com personagens de livros adequados;
- i) estímulos para criatividade;
- j) ampliação da possibilidade de comunicação pelo enriquecimento do vocabulário, conhecimento de formas de expressão e aquisição de novas ideias;
- k) facilitação da participação na vida comunitária, sobretudo pela leitura de jornais e revistas da atualidade;
- l) satisfação de necessidades estéticas, intelectuais e emocionais, fazendo decrescer a frustração e ansiedade;
- m) aquisição de conhecimentos necessários ao desempenho de funções, tanto na vida diária como profissional;
- n) desenvolvimento da capacidade de crítica pela obtenção de grande número de informações diversificadas e às vezes contraditórias.

Destarte, infere-se que a Biblioterapia, como um recurso terapêutico, abre um leque de possibilidades de ações e práticas de leitura, com o intento de integrar e socializar pessoas que estão à procura de dar um sentido as suas vidas, no âmbito de uma sociedade desigual e preconceituosa.

Nesse panorama, sabendo que a Biblioterapia é destinada a qualquer idade, o idoso, em decorrência dos problemas que lhes cercam, como já vastamente debatido, pode ser submetido às atividades biblioterapêuticas, e delas usufruir de todas as benesses.

Para Scogin (1987, p. 386) “programas de Biblioterapia podem ser uma alternativa viável ou complemento aos serviços tradicionais para uma variedade de problemas experenciados por idosos”.

Nesse prisma, é possível compreender que um estudo que associa leitura com cultura e descontração, auxilia sobremaneira no desenvolvimento do potencial criativo dos indivíduos que alcançaram a terceira idade, estimulando o sentimento de serem úteis à sociedade, e despertando a consciência cidadã, através do reconhecimento do valor dessa fase madura, posto que “cada tempo de vida tem seu propósito e sua beleza” (MAGALHÃES, 1987, p. 23).

Sob essa ótica, acredita-se que a Biblioterapia consiste em uma ferramenta eficaz na expressão dos fenômenos sociais e culturais, capaz de dar sentido a vida do idoso, através da humanização e resgate da cidadania, por meio da leitura e seus benefícios.

2.4 BIBLIOTERAPIA E EMPATIA: o que dizer sobre elas no cenário da leitura terapêutica

Para muitos, a Biblioterapia é a arte de encantar, posto que sendo uma técnica que se utiliza de material bibliográfico, se propõe a auxiliar as pessoas, não apenas a lidar com problemas, mas, em desfrutar de momentos de contentamento e satisfação, sentimentos estes que podem ser experimentados exclusivamente pelo leitor, porém, sob um viés empático, pode ser compartilhado com terceiros.

A empatia está intrinsecamente ligada à *Identificação*, que consiste em um dos componentes terapêuticos, e segundo Laplanche e Pontalis (1994, p. 227) mencionados por Caldin (2005, p. 16) pode assumir significado de “a ação de identificar, isto é, reconhecer como idêntico”, bem como “ato pelo qual um indivíduo se torna idêntico a outro”.

Para o Dicionário Aurélio de Português (2017), empatia é “Forma de identificação intelectual ou afetiva de um sujeito com uma pessoa, uma ideia ou uma coisa”.

Em pesquisa, o portal eletrônico *Significados* (2017), divulga que:

Empatia significa a capacidade psicológica para sentir o que sentiria uma outra pessoa caso estivesse na mesma situação vivenciada por ela. Consiste em tentar compreender sentimentos e emoções, procurando experimentar de forma objetiva e racional o que sente outro indivíduo. A empatia leva as pessoas a ajudarem umas às outras.

Já se falou que a leitura pode trazer inúmeros benefícios, haja vista que os livros estabelecem relação intelectual e emocional com o leitor (RATTON, 1975). Assim, ler uma atividade benéfica na vida pessoal e social dos seres humanos.

Nesse ponto de vista, a leitura apresenta-se como um meio de aproximar pessoas, seja na leitura em grupo, ou mesmo individualmente, essa prática desperta no sujeito a capacidade de se identificar com o outro, e a partir daí, compreendê-lo e ajudá-lo.

Assim como o Bibliotecário, vários outros profissionais – o que também já foi fartamente pontuado – utilizam-se do potencial do livro e da leitura para auxiliar pessoas. Pedagogos, professores, profissionais da área de saúde, terapeutas, psicólogos, dentre outros, lançam mão dessa importante ferramenta para desenvolverem suas atividades, as quais, por que não dizer, passam pelo crivo da empatia.

Identificar-se e colocar-se no lugar do outro é pura manifestação de amor, fraternidade e respeito. Na medida em que se busca sentir e vivenciar o que o outro sente e vive, consegue-se enxergar melhor os problemas e, consequentemente contribuir para a solução mais adequada.

Outrossim, como assaz discutido, a leitura tem uma função terapêutica inquestionável, razão pela qual os estudiosos e doutrinadores da Biblioterapia falam em “Leitura terapêutica”, dada a sua importância.

No instante em que lê, o leitor constrói um texto em paralelo, atrelado às suas experiências e vivências, o que o torna diferente de qualquer outro leitor. Com poder para mexer nas emoções, e ainda que temporariamente, promove a dúvida do que já se conhece. Isto, porque passa a acreditar – pelo menos durante a leitura – nos acontecimentos do livro, esquecendo-se dos problemas pessoais, trazendo um bem-estar e atenuando a dor (CERQUETANI, 2013). Nessa direção, Caldin (2001, p. 32), pontua:

A função terapêutica da leitura admite a possibilidade de a literatura proporcionar a pacificação das emoções. Remontando a Aristóteles, observa-se que o filósofo analisa a libertação da emoção resultante da tragédia – a catarse. O ato de excitamento das emoções de piedade e medo proporcionaria alívio prazeroso. A leitura do texto literário, portanto, opera no leitor e no ouvinte o efeito de placidez, e literatura possui a virtude de ser sedativa e curativa.

Corroborando, ainda com essa asseveração, Cerquetani (2013) salienta:

Com a leitura terapêutica o leitor se distancia de sua própria dor e também é capaz de expressar seus sentimentos e ideias, possibilitando uma percepção mais aguçada de sua situação de vida. A partir daí desenvolve-se ainda uma forma de pensar criativa e crítica. Ler também diminui o sentimento de solidão, e estimula uma maior empatia com outras pessoas.

Caldin (2001) e Pereira (1996) asseveram que a atividade biblioterapêutica trata-se de uma atividade de prazer, conhecimento e satisfação pessoal, bem como profissional. Diversos relatos positivos são atribuídos à leitura com finalidade terapêutica. Nesse contexto, indague-se: ler pode trazer felicidade?

É justamente da essência deste questionamento que se desenvolve este intervalo discursivo, pois, de acordo com todo o apanhado literário até o presente momento, ganha contornos mais acentuados, a ideia de que o ato de ler pode deixar o leitor mais empático e sensibilizado com os problemas dos outros. A Biblioterapia, portanto, conserva o escopo de ajudar o leitor/paciente a enfrentar e superar determinado problema.

Silva (2013, p. 25), ao registrar Voltaire (1767) grande iluminista francês, autor da célebre frase “a leitura engradece a alma”, trata que essa qualidade conferida à leitura:

[...] fortalece o potencial da biblioterapia para agregar conhecimento, abrir portas para a imaginação e servir de refúgio para os problemas diários. Esse fato leva médicos, psicólogos indicarem a leitura, não como um remédio químico, mas como um remédio metafísico, ou seja, literário para aliviar sintomas de diversas patologias, a fim de aliviar angústias pessoais, estimular emoções, promover o diálogo e ajudar pessoas a encarar sob outro ângulo situações caóticas que as atormentam.

Ora, não é mais utopia ou presunção afirmar as vastas benesses da leitura, de sorte que Ratton (1975); Caldin (2009); Marcinko (1989); Ribeiro (2006); Benedetti (2008), alguns dos autores frisados nesta pesquisa, e tantos outros, são contundentes aos afirmarem suas vantagens da leitura, seja para aquele que a busca de forma despretensiosa, ou mesmo que se encontre acometido de alguma patologia, e careça de tratamentos complementares.

Partindo da constatação de que, se a leitura possibilita o autoconhecimento, proporciona segurança no enfrentamento de problemas, ajudando a compreendê-los e muitas das vezes sem ter com eles contato direto, amplia a visão do conhecimento próprio e dialoga com os alheios, aumenta a autoestima, estimula a criatividade, melhora a comunicação, garante a aquisição de novas ideias, facilita a participação na vida comunitária, desenvolve a capacidade crítica, e, sobretudo, proporciona momentos de lazer e descontração (RATTON, 1975), parece-nos que a leitura significa bem-estar para o leitor.

Sendo assim, se bem-estar for sinônimo de felicidade, logo, a leitura é capaz de tal papel, ao passo que melhora a qualidade de vida do leitor, independente da sua idade, estado de saúde ou condição socioeconômica.

Por tais razões, não se pode deduzir de forma diversa, os idosos que são submetidos à leitura, e notadamente a de cunho terapêutico, apresentam melhorias significativas. Isso revela a eficácia da atividade da leitura como terapia, independente do ambiente em que se encontrem.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa foi realizada no mês de abril de 2017. Nesse período, desenvolvemos atividades biblioterapêuticas com idosos, que compreenderam atividades lúdicas de leitura (leitura livre de contos clássicos, livros de literatura infanto-juvenil e de revista semanais, escolhidas pelos participantes).

3.1 Caracterização da pesquisa

Em relação aos objetivos, é uma pesquisa exploratória descritiva, por proporcionar maior familiaridade com o problema (fenômeno a ser investigado), com vistas a torná-lo mais explícito, visando o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Quanto à natureza, é uma pesquisa aplicada, porque objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos que envolvem verdades e interesses locais (SILVA, 2001). A pesquisa está subsidiada pelas orientações da pesquisa quantitativa e qualitativa, apoiada nos princípios da história de vida e de leitura. Utiliza como técnica de coleta de dados a observação participante e a entrevista estruturada. Utiliza ainda, a técnica de análise de conteúdo, para caracterizar e analisar as respostas subjetivas obtidas.

3.1.1 *O local da pesquisa: breve histórico*

O local onde foi realizada a pesquisa se caracteriza como um espaço de luta e sobrevivência para os idosos, aqueles que não possuem um lar e nem família. O *Lar da Providência Carneiro da Cunha* está situado no Bairro dos Estados em João Pessoa-PB. É uma das instituições de longa permanência mais antigas da Capital.

O *Lar da Providência* se mantém através de ações promocionais e protetivas e acolhe idosos de ambos os sexos, independentes e/ou com diversos graus de dependência, que não possuem condições de permanência em seu ambiente familiar por fragilização ou rompimento de seus vínculos.

A instituição abriga idosos que levaram para lá práticas e saberes provenientes de diversos âmbitos, pertencentes à sua história de vida.

O Lar da Providência Carneiro da Cunha, há mais de 100 anos, acolhe idosos de ambos os sexos, provenientes de situações de fragilização ou ruptura com seus vínculos familiares.

A título de ilustração decidimos incluir na figura 1, uma foto da visão panorâmica do local da pesquisa, a fim de termos uma ideia do espaço pesquisado.

Figura 1 - Fachada do Lar da Providência Divina – João Pessoa-PB



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2017.

Essa instituição é reconhecida pela sociedade como uma das “melhores instituições de longa permanência para idosos de João Pessoa”. O Lar mantém um atendimento voltado ao desenvolvimento biopsicossocial e espiritual dos idosos ali residentes.

3.1.2 *Revelando os sujeitos da pesquisa*

Atualmente residem no Lar da Providência Carneiro da Cunha, idosos, a saber: mulheres e homens, cuidados por cozinheiros, auxiliares de serviços gerais, lavadeira, auxiliar de enfermagem, coordenadores, dentre outros. Não há critérios pré-estabelecidos para que os idosos residam no Lar, geralmente são elencadas as seguintes exigências: ter vaga, haver adaptação por parte do idoso, que esteja em situação de abandono.

QUADRO 1 – Idades dos idosos

MULHERES	
ENTREVISTADOS	IDADES
IDOSO 1	60 ANOS
IDOSO 2	71 ANOS
IDOSO 3	75 ANOS
IDOSO 4	81 ANOS
IDOSO 5	85 ANOS
HOMENS	
ENTREVISTADOS	IDADES
IDOSO 6	71 ANOS
IDOSO 7	75 ANOS
IDOSO 8	77 ANOS
IDOSO 9	78 ANOS
IDOSO 10	80 ANOS

Figura 2 e 3 – Idosos do Lar da Providência Divina participando de atividade de lazer.



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2017.

3.1.3 Os Procedimentos Metodológicos

Solicitamos nessa etapa que falassem das suas vidas, das suas experiências de leitura, a fim de cruzarmos as falas e atitudes contidas no nosso diálogo. Dessa forma, tivemos condições de formular questões mais específicas e mais condizentes com os objetivos dessa investigação, tais como: Por que você está no Lar da Providência? De que mais você sente falta agora? A leitura ajuda você em algo? Em quê? Essa história que você ouviu tem algo a ver com você?

Todas essas questões foram relevantes, pois começávamos a tecer os fios que nos conduziriam a captar o sentido da leitura como terapia num mundo de carências, ausências, no contexto da velhice e, desse modo, caminhar em direção aos objetivos do nosso estudo.

Logo, a expectativa de conhecer e de mergulhar na realidade dos idosos do Lar da Providência, tornou-se argumento para alinharmos os objetivos propostos, e ainda motivo

para validar a leitura como uma prática terapêutica, capaz de fazer os idosos esquecerem as limitações peculiares à velhice, haja vista, acreditarmos que a leitura é um instrumento que nos leva a crer na possibilidade de um envelhecer feliz.

4 ANÁLISE E RESULTADOS DOS DADOS EMPIRICOS

Nesse item, registramos as falas dos idosos, oriundas das entrevistas. Nesse momento procuramos articular conhecimento e visão do mundo, ouvindo sua história de vida e de leitura. Essa etapa da pesquisa nos levou a destravar as exigências gramaticais, para optarmos pelo uso da linguagem solta dos entrevistados. Assim sendo, exibimos a seguir as passagens e as falas dos idosos de modo *ipsis litteris*, ou seja, transcrevemos as falas de forma a representar fielmente tal como ditas e ouvidas.

Os relatos dos dez idosos, sujeitos da pesquisa, levaram-nos a identificar diferentes indicadores para caracterizar a visão que cada um tem de si em relação à leitura. Através, do vivenciar da técnica da escuta sensível proposta por Barbier (1993), transformamos a entrevista num momento de diálogo, a fim de compreendermos a história de leitura de cada idoso.

Apesar de uma parcela considerável dos idosos pesquisados, não saber ler nem escrever, o envolvimento gerado foi significativo, a partir do momento que observamos, o interesse e a ansiedade em dialogar com o pesquisador.

A narração de fatos e acontecimentos, as lembranças do passado, foram passagens que marcaram a trajetória dessa pesquisa. Nas rodas de conversas que eram consequência natural dos encontros, foi possível descobrir uma variedade de mundos e de experiências significativas para esse estudo.

Assim, recordando e registrando as falas dos idosos, passamos a categorizá-las para uma posterior análise dos dados obtidos. A sistematização foi o meio escolhido para organizar e categorizar as informações pertinentes a pesquisa. Para tal, sedimentamos o processo de análise e interpretação dos dados, a partir do delineamento de eixos significantes¹, detectados nas falas dos sujeitos, assim vejamos:

Ao fazermos a primeira pergunta da entrevista: **Conte-me por que e como você chegou ao Lar da Providência**, caracterizamos o **eixo 01 - Em Busca de um porto seguro**.

¹ Construídos, a partir das perguntas, cujas respostas permitiram condensar os dados obtidos em blocos informacionais que serviram de subsídios para efetivar a análise e a interpretação do material empírico,

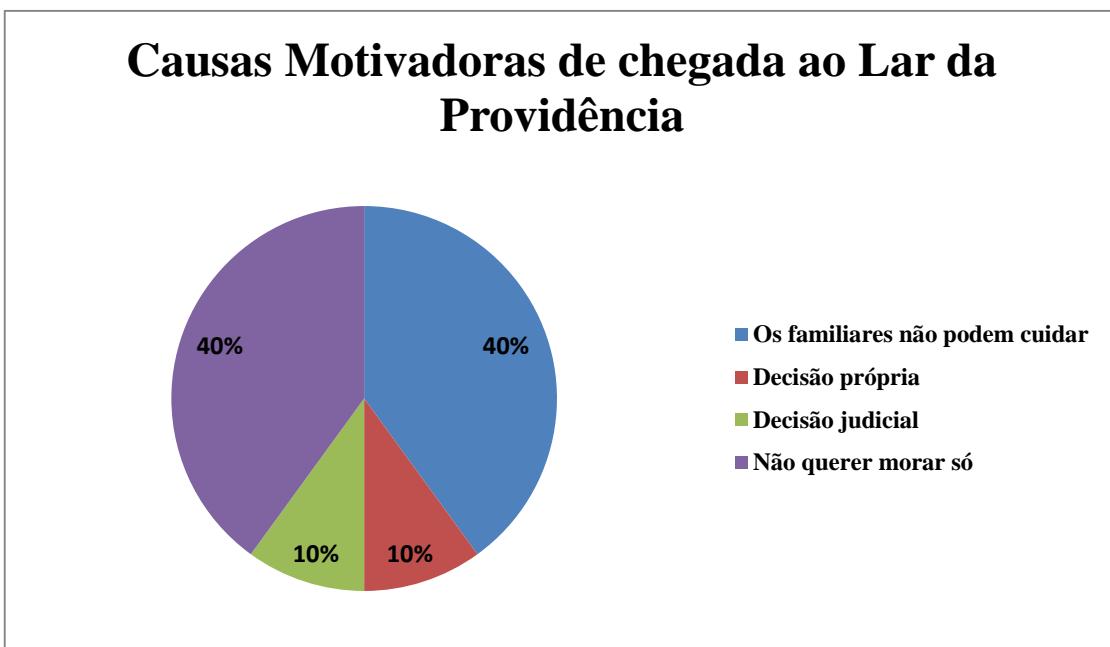
EIXO SIGNIFICANTE 1 Em Busca de um porto seguro: a chegada no Lar da Providência	
IDOSO 01	Fiquei doente, nunca casei, quem me trouxe para o Lar foi as autoridades (polícia), passei mal morava só e os vizinhos chamaram a polícia e mim levaram para o hospital, quando fiquei bom as autoridades me trouxeram para cá. Tenho dois irmãos um homem e uma mulher, eles têm filhos e mora com eles. Eu moro aqui no Lar há 11 anos.
IDOSO 02	Por conta da minha saúde tenho vários problemas e preciso de cuidados, éramos nove irmãos, e uma irmã me trouxe para o Lar da Providência, tenho três filhos dois homens e uma mulher, fui casado, mas hoje sou separado. Os meus filhos não moram em João Pessoa, eles não podiam cuidar de mim porque todos trabalhavam e estudavam, são formados graças a Deus. Resolvi morar aqui porque não queria incomodá-los, gosto do Lar e sou bem cuidado por todos.
IDOSO 03	Sou separado tenho quatro filhos, três deles moram em Recife e um mora aqui, foi o que mora aqui em João Pessoa, que conseguiu uma vaga para mim aqui no Lar. Os meus filhos trabalham muito, são casados e não têm tempo de cuidar de mim, estou aqui porque eu quero, eles não me forçaram a morar aqui, gosto do Lar e sou bem cuidado.
IDOSO 04	Já faz cinco anos que moro aqui no Lar da Providência, fiquei viúvo e não queria morar com meus filhos, que são cinco ao todo, mas também não queria morar só, então resolvi vir para cá, já tinha ouvido falar do Lar e pedi para um dos meus filhos vir aqui conhecer e conseguir uma vaga para mim.
IDOSO 05	Fui casado por 22 anos me separei, tenho uma filha ela mora em Rio Tinto, a procurei, mas ela não quis ficar comigo, tenho cinco irmãos e morei com um deles seis meses, mas não deu certo, eu já conhecia o Lar, estou morando aqui faz quatro anos achei melhor sou mais tranquilo aqui.
IDOSO 06	Por que eu sofria muito quando morava com meus irmãos, já conhecia o Lar, tinha de 15 a 16 anos, visitava sempre esse lugar, cheguei aqui com 52 anos logo que me aposentei, não casei e não tive filhos, vivia de casa em casa sendo humilhada pelas minhas cunhadas era muito sofrimento não tinha liberdade para nada, então resolvi procurar o Lar aqui tenho mais liberdade.
IDOSO 07	Por que os meus pais morreram, eu era filha única. Eu morava em Santa Rita, depois me mudei para Bayeux, quando vi morar aqui no Lar ainda trabalhava, foi decisão minha, pois não queria morar com parentes porque eu ia sofrer e servir de piniqueira para eles.
IDOSO 08	Porque eu não estava conseguindo ficar só, caia muito e me machucava, não casei, tinha um sobrinho que criei como filho. Ele casou e eu não quis morar com ele, eu já conhecia o Lar, participava das reuniões do Lar sempre que podia, vim morar aqui por que eu quis, aqui tenho privacidade mesmo morando em uma instituição para idosos é melhor do que morar com parentes.
IDOSO 09	Cheguei ao Lar da Providência por que fiquei viúva, não tive filhos, não queria morar com empregada, falta de confiança nas pessoas e também medo de morar só, então procurei um Lar para idoso ouvi falar muito bem desta casa e resolvi morar aqui.

IDOSO 10	Por que eu morava só, não casei, vi morar no Lar depois que tive um AVC e tive que fazer algumas cirurgias que foram sete, então os meus irmãos acharam melhor e mais seguro, pois todos trabalhavam e não tinha como cuidar de mim, no início não queria vir, chorei muito, mas fui me adaptando, cheguei ao Lar em 12/2015, os meus irmãos vêm sempre me visitar, também me levam para passear e passar datas comemorativas com eles.
-----------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Nesse eixo, a partir das falas dos sujeitos da pesquisa, constatamos que os idosos entrevistados chegaram ao Lar da Providência, por motivos semelhantes, a saber:

- Os familiares não podem cuidar, visto à falta de tempo e/ou por rejeição dos filhos e/ou parentes; (40% dos idosos);
- Por decisão própria, a fim de ter privacidade, pois nunca foram casados. Para não dar trabalho aos seus parentes. Evitar transtornos e humilhações (10% dos idosos);
- Por decisão judicial – 10% dos entrevistados, mesmo tendo família, não tinham quem cuidasse, diante da saúde debilitada, essa foi a melhor alternativa;
- Por não querer morar só – 40% dos sujeitos, entrevistados demonstraram fobia pela solidão. O medo de morar sozinho foi decisivo para a busca de um porto seguro para morar.

Gráfico 1



Diante dos 100% dos 10 (dez) idosos participantes da pesquisa, todos afirmaram que no Lar da providência se sentem bem tratados e felizes.

Essa situação fortalece as ideias de Simões (1998, p. 29) quando salienta que: as pessoas precisam mudar seu pensamento em relação à velhice, amar e cuidar de seus idosos, sepultando de vez a abominável concepção de que o idoso é um estorvo sem utilidade, pois a velhice não significa uma decadência e sim uma sequência da vida.

Analizando as falas dos entrevistados, vimos que muitas vezes, não é o idoso que se isola, é a família que o abandona, por falta de tempo para dar a atenção necessária e/ou por não ter paciência para cuidar das fragilidades apresentadas na velhice.

Em geral, isso acontece porque se criou uma ideia falsa de que a terceira idade é ruim. Estar velho não é um problema ou uma doença e pode representar o começo e não o fim, como muitos pensam.

Assim sendo, é preciso eliminarmos a ideia de declínio, rechaçando o pensamento de velhice como presságio de morte, e passar a enxergá-la como uma etapa da vida, com as mudanças que lhe são próprias, pois, deve-se “entender que a velhice não significa uma decadência e sim uma sequência da vida” (SIMÕES, 1998, p. 29).

Comungando com essa linha de pensamento, divaga Salgado (1997, p. 18):

As sociedades precisam, urgentemente, reformular suas ideias sobre a velhice eliminando as posturas preconceituosas que tanto aviltam a dignidade que durante milênios de evolução, a espécie humana tem lutado para conquistar. É necessário que se prolonguem ou se criem oportunidades novas para os que envelhecem, mantendo-os ativos e participantes segundo suas condições psicofísicas para, com isso, devolver-lhes sua total dimensão.

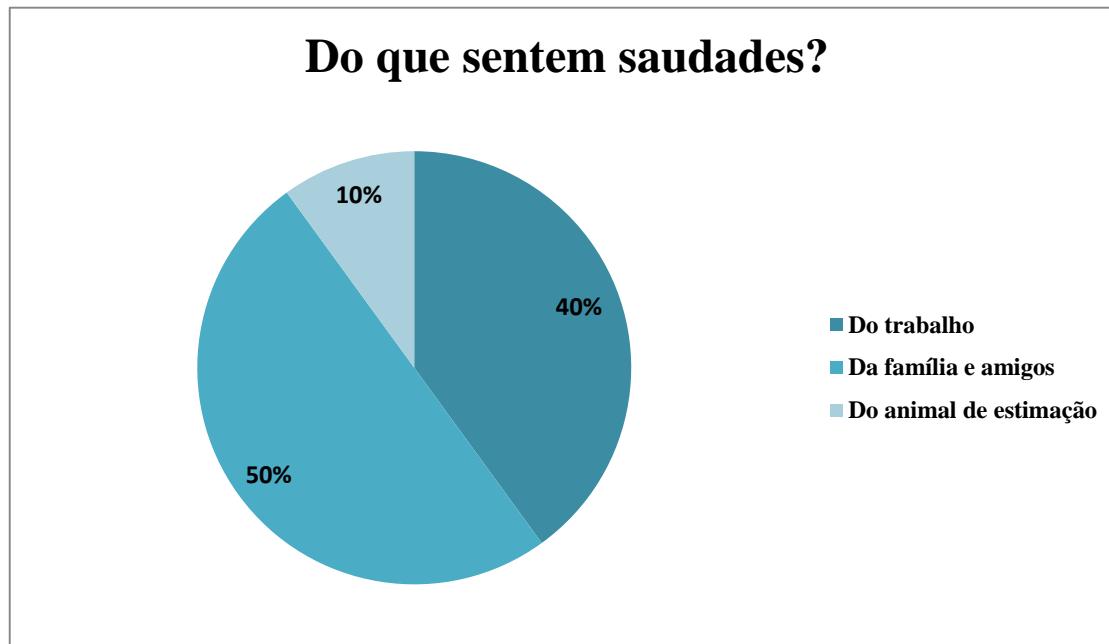
A sociedade deve tomar consciência de que as pessoas idosas precisam ser respeitadas em sua condição, e não apenas toleradas, ao passo que a imagem que deve guardar de alguém que já atingiu a velhice é a bagagem de experiência, de sabedoria, de luta, de conhecimento e de força de vida. As pessoas precisam de uma vez por todas introjetar que a terceira idade é uma nova etapa da vida, na plenitude de toda a sua beleza, e não o seu ponto final (Medeiros citado por CASSIS, 2004, p. 130).

Esse fato nos faz lembrar que um dia você pode olhar no espelho e perceber que o tempo passou. O corpo e a pele já não são os mesmos, a disposição vai dando espaço ao cansaço e a insegurança das primeiras experiências se transformou em sabedoria. Estamos diante da velhice. Posto isso, nos preocupamos em saber: **do que os idosos sentem falta, do que sentem saudades**, assim fizemos essa pergunta, no intuito de traçarmos o eixo 2 - carência: **fragmentos de saudades**, como pode ser visto no quadro a seguir:

EIXO SIGNIFICANTE 2 Carência: fragmentos de saudades	
IDOSO 01	Sinto falta de trabalhar, dos meus irmãos, eles não vêm me visitar.
IDOSO 02	Sinto falta de viajar e de andar de avião, dos meus filhos e meus netos. Sinto vontade de morar com eles. Os meus filhos não moram em João Pessoa, um mora no Rio de Janeiro e os outros não lembro mais a cidade.
IDOSO 03	O que mais me faz falta é a família, meus filhos, netos, sinto falta também de viajar, pois, gostava muito.
IDOSO 04	Sinto falta da minha terra onde nasci, do trabalho na roça, dos meus filhos, do convívio com a família. Sempre vou visita-los lá na minha cidade, e aproveito para matar a saudade e volto.
IDOSO 05	Sinto falta da minha filha e dos meus irmãos, a minha filha é assistente social e vem me visitar sempre que pode ela mora em Rio Tinto. Ela tem 34 anos.
IDOSO 06	Sinto falta da minha mãe e meus irmãos, a minha mãe sempre foi muito presente e maravilhosa comigo e meus irmãos.
IDOSO 07	Sinto falta de sair sozinha, passear e de resolver minhas coisas e de trabalhar.
IDOSO 08	Sinto falta de trabalhar, de ajudar na igreja eu era catequista e ensinava catecismo na igreja às crianças, sinto saudade.
IDOSO 09	Sinto falta do meu cachorrinho (ela chorou), da minha casa, fiz doação dos meus móveis, sinto falta da minha privacidade como assistir TV sozinha, gosto de ler, mas, não faço mais pois tenho problema na visão.
IDOSO 10	Sinto falta do meu carro, das visitas que fazia nos hospitais as pessoas que estavam doentes, sair para a praia, caminhar, ir ao cinema com as minhas amigas como fazia antes.

Face ao exposto observamos que um dos grandes dilemas dos idosos é assumir para si mesmos que a velhice chegou e conseguir manter o ânimo mesmo depois de perceber que o corpo e a vida já não seguem no mesmo ritmo de quando eram jovens. Alguns sofrem e teimam em aceitar que a idade chegou.

Diante da pergunta realizada aos 10 (dez) idosos, constatamos que 40% dos sujeitos da pesquisa revelaram sentir saudade do trabalho; 50% afirmaram sentir falta da família, dos amigos; enquanto 10% afirmaram sentir falta do seu animal de estimação (cachorro). Todos os entrevistados foram unanimes em revelar que sentiam saudade de uma vida útil, viajar, passear, ser dono de si.

Gráfico 2

Posto isso, observamos que sem dúvida, lidar com tantas perdas não é fácil, é difícil e doloroso e exige maturidade e preparo emocional para não causar medos, traumas e depressão, mas não adianta encará-las como algo negativo, elas são naturais na vida de qualquer pessoa e devem ser vistas como tal. Corroborando nesse sentido Simões (1998, p. 18), assim se manifesta:

Perda, deterioração, fracasso, inutilidade, fragilidade, decadência, antigo, que tem muito tempo de existência, gasto pelo uso, que há muito tempo possui certa realidade ou exerce certa profissão, obsoleto e não adequado à vida, dando impressão de que o velho vive improdutivamente e está ultrapassado pela nossa sociedade [...]

No eixo 2, a partir dos relatos dos idosos, podemos constatar que a saudade é um sentimento presente na velhice. As carências são percebidas quando os idosos expressam a saudade dos entes queridos, dos animais de estimação, de suas vivências, dos hábitos e atividades que já não podem mais realizar.

Recordar momentos e experiências, sentir saudades daquilo que fez bem, mostra que se está vivo, e que muito foi vivido. As lembranças possibilitam uma viagem ao passado, ativando os sentimentos e exercitando a memória, conforme as palavras de Dias (2004, p. 1) “A velhice aparece como uma janela aberta para a questão do tempo”.

Nas falas dos idosos encontramos determinantes da negação da velhice e o desejo da eterna juventude. Fato que atrapalha, ou impede, a possibilidade de viver a velhice como uma etapa da vida de forma plena e satisfatória.

Outra curiosidade do pesquisador, era descobrir se os idosos envolvidos na pesquisa, sabiam ler e escrever, a fim de delinear o eixo 3 - **Leitura: desvendando a relação**, como explanado no quadro abaixo:

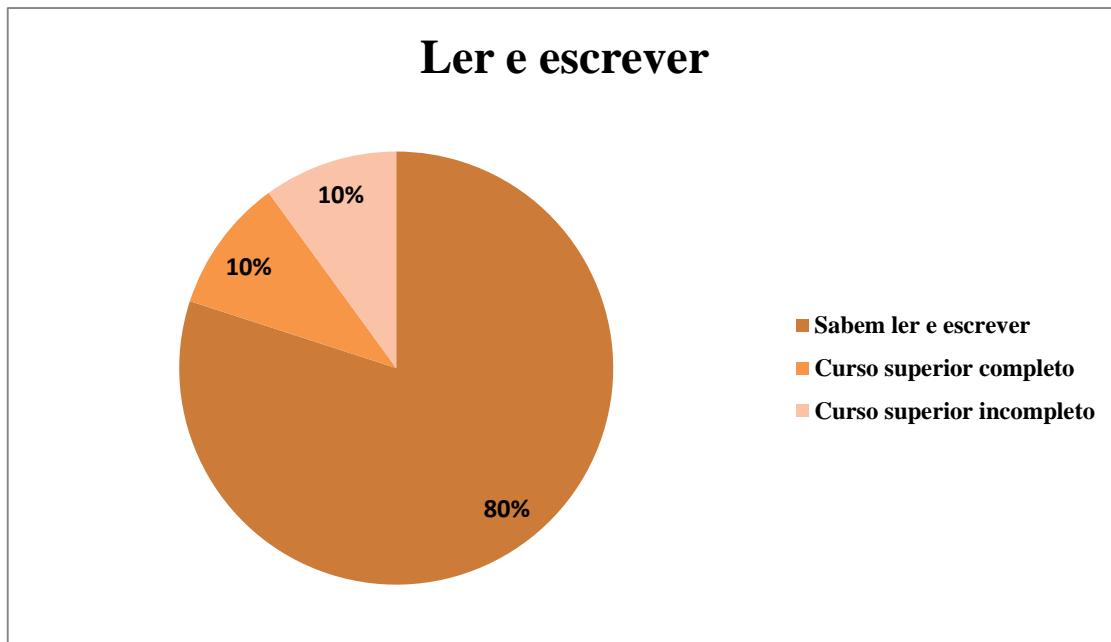
EIXO SIGNIFICANTE 3 Leitura: desvendando a relação	
IDOSO 01	Não, poucas palavras. Só fiz o primário, mas não terminei porque trabalhava na roça, às vezes ia à escola e muitas vezes não ia, estudava na cidade e eu morava na roça, tudo era muito difícil.
IDOSO 02	Sim, tenho curso superior em matemática e era professor.
IDOSO 03	Sim, estudei o ginásio, lembro que na minha época era muito difícil, tinha que me deslocar para outra cidade.
IDOSO 04	Leio pouco, no sertão na minha época era mais difícil estudar, eu morava no sítio e comecei a trabalhar na roça muito cedo.
IDOSO 05	Sim, só não leio mais porque a vista atrapalha.
IDOSO 06	Sim.
IDOSO 07	Sim, curso superior em engenharia de alimentos, mas não concluiu, tranquei várias vezes e perdi o curso.
IDOSO 08	Não muito, mas consigo ler a Bíblia aprendi com o meu pai que era muito católico, foi quando resolvi ser freira, morei 12 anos no convento, mas não continuei com os votos ai saí.
IDOSO 09	Sim, sempre fui muito estudiosa, sou educadora tenho curso superior em português, matemática, taquigrafia e estenografia. Eu tinha uma escola.
IDOSO 10	Sim, também canto e gosto de músicas sacras.

Saber se os sujeitos da pesquisa sabem ler e escrever, necessidade fundamental, que favorece um caminho feliz para que a velhice, seja uma etapa da vida repleta de significado, foi uma preocupação constante dessa pesquisa, haja vista compreender os idosos como leitor-cidadão. Visto que hoje em dia, poucas pessoas sabem o quanto é importante a leitura na terceira idade.

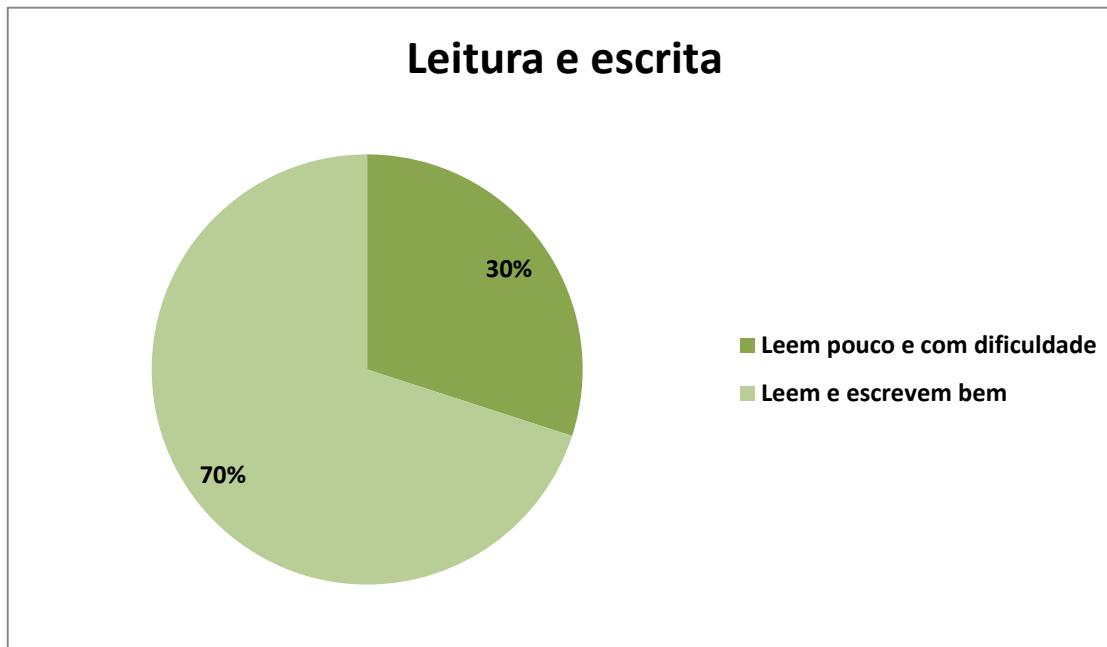
Posto isso, vale ressaltarmos que dos 10 (dez) idosos entrevistados, 80% sabem ler e escrever. Fato que merece destaque diz respeito a um idoso possuidor de curso superior

completo e outro possuidor de curso superior incompleto, fato interessante, haja vista que, ao contrário do que muita gente pensa, nos abrigos de mendicidade, os residentes são heterogêneos, podendo apontar três extremos, um sem nenhuma instrução, outro com excelente nível formativo e, outro com inúmeras situações de analfabetismo.

Gráfico 3



Nesse terceiro eixo, verificamos que dos 10 (dez) idosos entrevistados, 30% leem pouco e com dificuldade, pois devido à vida difícil que tinham no interior, não puderam avançar nos estudos. Os outros 70% leem e escrevem bem, pois apresentam boa formação escolar, sendo as doenças da visão o único empecilho para a leitura.

Gráfico 4

Aprender a ler e escrever permite enxergar o que antes estava oculto aos olhos e ao entendimento humano. Para Seitz (2006, p. 32) “O ato de ler proporciona a possibilidade de diálogo para além do tempo e do espaço; é o alojamento do mundo para além dos limites [...] ; é a exploração de experiências mais variadas, quando não podemos viver realmente”.

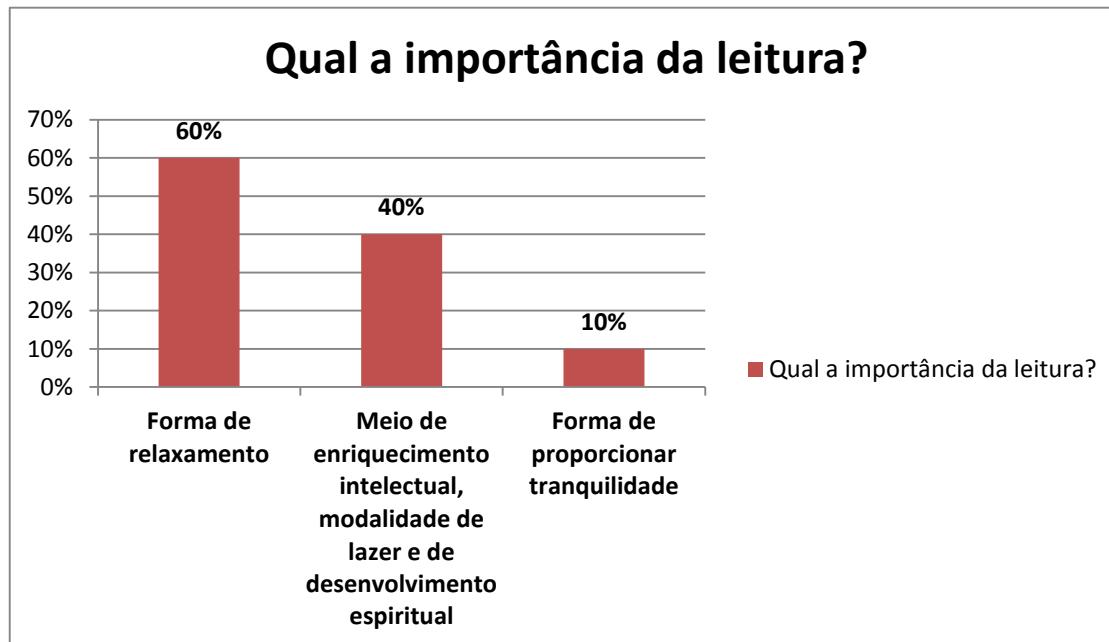
Ler e escrever na terceira idade pode levar os idosos a relembrarem as suas próprias histórias, sua juventude e vivências. Assim, acabam lembrando acontecimentos que viveram na juventude, ou de hobbies que exerceram, ou acabam associando com algo muito próximo e familiar. Então, é comum que eles não apenas ouçam, mas também contém suas próprias histórias de vida. Há ainda aqueles que acabam percebendo que já leram aquele livro. Muitos deles acabam retomando o prazer de ler, por vezes abandonado há alguns anos. Nessa direção mapeamos as seguintes perguntas.

QUADRO 2 – Mapeamento das informações inerente à leitura

Qual a importância da leitura para o envelhecimento?	
O que disseram	Nº de incidências
Relaxamento	5
Enriquecimento intelectual	2
Lazer	3
Espiritualidade	3
Humor	1
Tranquilidade	-
É importante ler sempre	1
Ela te ajuda em algo? Em que?	
A leitura é importante para a memória.	1
A leitura ajuda a dormir e esquecer os problemas, e faz bem a memória.	1
Ler faz bem para a mente.	1
A leitura ativa a memória, gosto de livros religioso como Padre Marcelo Rossi e Reginaldo Manzotte.	-
O que você gosta de ler	
Atualidade	7
Esporte	2
Religião	9
Saúde	1
Velhice	-
Autoajuda	2
Música	-
Vida de artista	2
Culinária	1
Que tipo de obra você gosta de ler ou que leem para você?	
Bíblia	7
Livros	8
Revistas	-
Gibis	-

Fonte: dados da gravação realizada pelo pesquisador, 2017.

Nesse mapeamento, constatamos que 60% dos 10 (dez) idosos têm a leitura como forma de relaxamento, 40% enxergam-na como meio de enriquecimento intelectual, modalidade de lazer e de desenvolvimento da espiritualidade. 10% dos mesmos entrevistados acreditam que a leitura é um instrumento que proporciona tranquilidade.

Gráfico 5

Compreendemos que a leitura para o idoso é um instrumento de libertação, de resgate da cidadania, de inclusão, humanização e melhoria da qualidade de vida, nomeadamente quando aplicado de forma terapêutica. Scogin (1987, p. 386) sustenta que “programas de Biblioterapia podem ser uma alternativa viável ou complemento aos serviços tradicionais para uma variedade de problemas experenciados por idosos”.

Posto isso, constatamos ainda, no quadro 2 que 50% dos 10 (dez) entrevistados gostam de ler ou ouvir histórias sobre atualidade, 20% sobre esporte, 90% sobre religião, 50% sobre música, 30% sobre assuntos relacionados à saúde, e 20% gosta de ouvir assuntos ligados à vida de artistas.

Gráfico 6

Compreendemos que, independente do assunto de predileção dos idosos, se tal leitura lhe traz momentos de tranquilidade e lazer, lhe ajudando na melhoria da qualidade de vida, tem-se que a leitura está a realizar o seu papel terapêutico, visto que a Biblioterapia consiste em uma terapia por meio de livros (CALDIN, 2001).

Ainda, nesse quadro, podemos afirmar que 70% dos 10 (dez) idosos entrevistados gostam de ler ou que leiam para eles a Bíblia, 80% gostam de livros, e 10% preferem revistas.

Gráfico 7

Entendemos que a leitura é uma ferramenta primordial à vida do idoso, pois auxilia na recuperação da autoestima e vontade de viver, amplia o conhecimento, cria novas expectativas e alimenta os sonhos. Através da leitura, o leitor “[...] se distancia de sua própria dor e também é capaz de expressar seus sentimentos e ideias, possibilitando uma percepção mais aguçada de sua situação de vida. [...] Ler também diminui o sentimento de solidão, e estimula uma maior empatia com outras pessoas” (CERQUETANI, 2013).

Face ao exposto, perguntamos aos sujeitos da pesquisa, se eles gostam mais de ouvir ou contar histórias? Qual sua história preferida? Assim relataram:

EIXO SIGNIFICANTE 4 Minha história preferida: retrato da minha vida	
IDOSO 01	Gosto de ouvir, a minha preferida é sobre romance, que fala de amor.
IDOSO 02	Gosto de ouvir e contar, a minha preferida é a que fala de futebol.
IDOSO 03	Gosto de ouvir, a minha história preferida é Ali babá e os Quarentas Ladrões.
IDOSO 04	Gosto das duas, ouvir e contar, a minha preferida é as viagens que fiz pelo Brasil, por que eu sou caminhoneiro.
IDOSO 05	Gosto de ouvir e contar, a minha preferida é falar sobre política.
IDOSO 06	Depende da história, mas gosto mais de contar, a minha preferida é a minha e da minha família.
IDOSO 07	Gosto mais de ouvir, falo pouco só o necessário, gosto de histórias reais, e também histórias de escritores como: Ariano Suassuna, Jorge Amado, Machado de Assis e outros.
IDOSO 08	Gosto de ouvir, por que quanto mais ouve aprende, a minha preferida é sobre

	Deus, gosto da história de Jesus.
IDOSO 09	Gosto de contar, não tenho uma preferida, quando educadora contava histórias reais para os meus alunos dando exemplos de vida.
IDOSO 10	Gosto de ouvir e contar, mas aprecio contar, tenho muitos sobrinhos e quando morava só eles iam para minha casa e eu contava histórias infantis como: Branca de neve, os três porquinhos e outros.

Nesse quarto eixo significante, verificamos que 40% dos 10 (dez) idosos entrevistados, gostam mais de ouvir contações de histórias, 20% preferem contar, e os outros 40% apreciam tanto ouvir como contar histórias. Dentre os temas históricos relatados, tem-se romance, aventuras, fantasias, literatura, bíblicas, histórias reais como experiências de viagens, futebol, política, pessoais e familiares.

Gráfico 8



As histórias servem como aprendizado, pois sempre trazem lições de vida e mensagens que permitem a reflexão, seguidas ou não de mudanças de ideias e concepções antes imutáveis.

A leitura é fundamental para o homem, e consoante se investigou nesta pesquisa, desde a mais tenra época, já se compreendia sua importância. Durante a Idade Média, por exemplo, nas entradas das bibliotecas, e de forma emblemática, a Biblioteca de Abadia de São Gall, era comum as inscrições: “Tesouro dos remédios da alma” (ALVES, 1982).

Essas considerações nos deram oportunidade de adentramos na seguinte pergunta: Por que essa história é sua preferida? Ela te lembra algo? Conte ela para mim. Tais respostas aos questionamentos constam no eixo 5 a seguir:

EIXO SIGNIFICANTE 5 Histórias: instrumento de recordação	
IDOSO 01	É minha preferida por que me lembra quando era jovem e namorava, namorei bastante, não casei por que fui deixando para depois quando percebi já estava velho ai não quis mais casar.
IDOSO 02	Por que jogava muita bola com os meus amigos quando era jovem e sinto muita saudade deles e dessa época, sempre no final do dia nos encontrava no campo de futebol da cidade que morava para jogar pelada, meu time preferido é Botafogo da Paraíba e do Rio de Janeiro.
IDOSO 03	Essa história é a minha preferida porque acho ela emocionante, já assisti o filme várias vezes e se eu tivesse acesso assistia de novo por que não me canso da história, desde de adolescente que gosto desta história.
IDOSO 04	Por que conheci muitos lugares e pessoas maravilhosas que marcou minha vida, eu era muito feliz quando trabalhava, tenho ótimas lembranças.
IDOSO 05	Gosto de falar de política por que é importante saber como anda o nosso país, assisto os noticiários para ficar informado, me faz lembrar do meu pai por que ele gostava de política e aprendi a gostar com ele. Eu gostaria de ter me formado em psicologia, hoje sou arrependido de não ter estudado.
IDOSO 06	A minha história preferida é a minha mesmo por que lembro da minha infância, dos meus pais principalmente da minha mãe que foi e será uma pessoa muito importante para mim, ela era muito carinhosa e se preocupava comigo e meus irmãos, muito diferente do meu pai ele era muito grosso e bravo brigava com a minha mãe e com todos nós.
IDOSO 07	Gosto de histórias românticas, não casei, mas tive pessoas que me apaixonei e lembro deles, como trabalhava muito e cuidava dos meus pais não tive tempo para mim. Foi por isso que não terminei meus estudos acabei perdendo meu curso por que tranquei várias vezes.
IDOSO 08	Porque os meus pais eram católicos e muito religiosos, como falei quase fui freira, morei no convento por 12 anos, lá na minha casa o meu pai lia a Bíblia para mim e meus irmãos.
IDOSO 09	Não tenho uma história preferida, gosto de falar da minha vida, lembro quando estudava catecismo na minha cidade, tinha uma irmã chamada Adélia que era madre superiora do Lar da Providência, aprendi a rezar com ela, as pessoas da minha cidade me “endeusava” porque eu era muito inteligente, era procurada até por políticos para produzir discursos para eles. Também aprendi a fazer bonecas de pano com 7 anos de idade e também bordava.
IDOSO 10	Não tenho história preferida, eu morava só e era uma maneira de trazer meus sobrinhos para a minha casa, eles chegava e logo pediam para eu contar historinhas para eles era muito bom por que me fazia lembrar da minha infâncias pois era muito feliz, eu fiz crisma e eucaristia.

Nesse quinto eixo, verifica-se que todas as histórias ditas como preferidas pelos idosos, mantém um elo intrínseco com suas recordações, pois fazem lembrar sua infância, juventude, seus relacionamentos, pessoas que marcaram suas vidas, familiares, amigos, acontecimentos importantes, viagens e lugares.

De fato, as histórias trazem boas recordações aos idosos, o que para eles consistem em momentos de felicidade e satisfação, proporcionando-lhes bem-estar e pacificação das emoções.

A preferência por este ou aquele tipo de história/leitura deve ser considerada, pois torna a atividade mais prazerosa, representando mais significado ao leitor. Assim entende Caldin (2009, p. 149) ao difundir que os livros devem ser “[...] gostosos de ler, textos com lacunas a serem preenchidas pela imaginação e emoções dos leitores, ouvintes ou espectadores, ou, em outras palavras, aqueles textos de fruição que proporcionem a passagem da fala falada à fala falante, provocadores, catárticos”.

Assim sendo, aproveitamos o ensejo para questionar com os participantes da pesquisa o que é velhice? Como se sentem diante do envelhecimento. Com as respostas oriundas do questionamento, caracterizamos o eixo 6, que diz respeito ao tópico abaixo:

EIXO SIGNIFICANTE 6 A leitura e a velhice: se identificam mesmo sem rima	
IDOSO 01	A velhice chega para todos, sou mais experiente e tranquilo, se fosse jovem saberia aproveitar mais a vida, eu me sinto bem com a minha velhice, incomoda um pouco por que não faço o que fazia quando era novo, mas é assim mesmo tudo passa.
IDOSO 02	A velhice é a vivência que vai enfraquecendo com todos nós, nos deixando fraco e dependente de outras pessoas, nunca bebi e isso ajudou muito para a minha saúde apesar de não andar (ele não tinha uma perna ficava na cadeira de rodas, ele tem diabetes), eu era o meu próprio competidor estudava muito, acredito que isso contribuiu para a minha memória, sou muito ativo apesar das minhas limitações com a idade, hoje tenho dificuldade de ler por causa da vista. Sinto-me bem com a minha idade, oro e peço a Deus que me dê muita saúde e que mim deixe viver muito e com saúde.
IDOSO 03	A velhice nos atrapalha muito por que ficamos muito dependentes dos outros, a velhice me incomoda um pouco, pois não consigo fazer coisas que fazia quando era jovem, fico triste às vezes, tudo era mais fácil.
IDOSO 04	A velhice é uma bênção de Deus, sou grato a ele por me deixar viver, sou feliz e aceito minha idade apesar das limitações me sinto bem e tranquilo com a minha idade.
IDOSO 05	A velhice nos limita de muitas coisas, sou grato a Deus por isso, ela nos dá experiências, sou uma pessoa alegre, feliz mesmo com essa idade não me deixa abater, me sinto bem com a minha idade, sou tranquilo e muito bem cuidado aqui

	no Lar por todos.
IDOSO 06	É muito bom ser velha, a velhice não me assusta, porque quando eu era jovem sofria muito, era humilhada na casa dos meus irmãos, não tinha liberdade, eles me controlavam o tempo todo, me sinto muito feliz hoje com a minha idade, sou alegre e tenho mais liberdade.
IDOSO 07	A velhice é um estágio da vida onde perdemos a juventude, nos limita de muitas coisas e nos deixa muito dependente de outras pessoas e nem sempre essas pessoas querem cuidar de nós. A minha idade me incomoda porque perdi a vontade de viver, não sou mais uma mulher ativa como antes, a vida perdeu a graça para mim.
IDOSO 08	Ninguém quer envelhecer, mas para mim é motivo de louvar e agradecer a Deus pela vida, claro que ela traz algo negativo principalmente as doenças, dores, e as dificuldades que aparece. Não me sinto bem com a minha idade, mas são fases da vida que temos que passar.
IDOSO 09	A velhice é portadora de coisas negativas, as pessoas não confiam e não acredita mais no idoso acham que sempre estão inventando coisas. A velhice nos limita de muitas coisas, tudo fica mais difícil, não me sinto bem com a minha idade porque não consigo fazer coisas que gosto como ler por causa do glaucoma.
IDOSO 10	A velhice é só a idade que chega para todos, me sinto bem com a minha idade porque não me acho velha, sou muito ativa mesmo depois do AVC, lembro-me de toda a minha infância e das pessoas.

Nesse sexto eixo, podemos afirmar que os idosos refletem a velhice como uma consequência natural para todos, onde a queixa comum é a de não poder fazer as coisas que faziam quando mais jovens, devido às limitações e comprometimento da saúde. Alguns se mostraram satisfeitos com a velhice, agradecidos a Deus, inclusive, por considerarem uma bênção atingirem esta etapa da vida, afirmando, portanto, que não se assustam e não se deixam abater por serem pessoas idosas.

Todavia, os demais, desabafam que a velhice incomoda, enfraquece, tornando-os dependentes dos outros, mostrando-se portadora de coisas negativas, como as doenças, e a descrença das pessoas em sua capacidade.

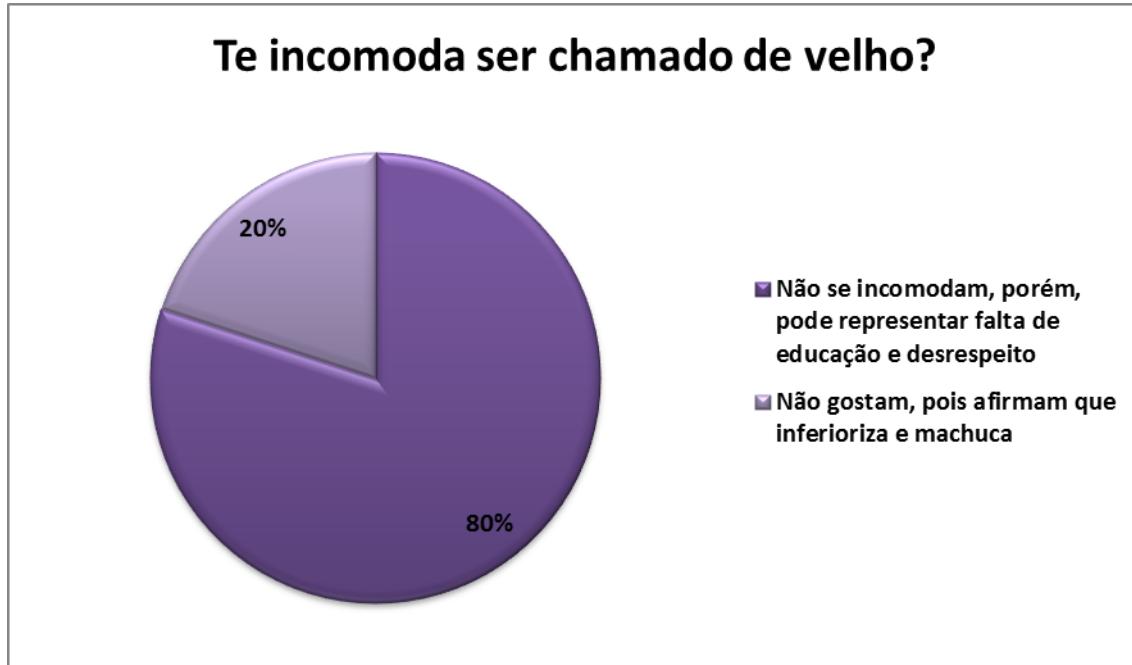
Compreendemos que a velhice é vista de forma preconceituosa e sem valor por boa parte da sociedade, sobretudo, nesta época atual em que o novo é sobrelevado em detrimento do velho que é subestimado e relegado ao desprezo. Para muitas pessoas é difícil aceitar a velhice e as consequências próprias da idade avançada. Infelizmente, por falta de apoio, carinho e atenção, para muitos idosos “O indesejável deixa de ser apenas a morte e passa a ser o próprio estado de velhice, de envelhecimento” (DIAS, 2004, p. 1).

Ações enérgicas de mudança de pensamento e paradigma precisam ser tomadas por todos, especialmente pelos profissionais que lidam com a terceira idade, para que se supere todas as ideias distorcidas e desumanas quanto aos idosos. Isso posto, surge o eixo

significante 7, que traz a fala dos sujeitos, em relação aos reflexos da velhice em suas vidas. Observemos a seguir a pergunta: Você se incomoda quando te chamam de velho? Justifique.

EIXO SIGNIFICANTE 7 Velhice: reflexos de mim mesmo	
IDOSO 01	Não me incomodo se for de maneira carinhosa, se acontecer de ser com agressão acho falta de educação.
IDOSO 02	Não, nunca tive problema com isso, espero nunca passar por esse constrangimento, será muita falta de respeito.
IDOSO 03	Não, sou velho mesmo, não me preocupo com isso.
IDOSO 04	Não, graças a Deus não tive esse problema ainda.
IDOSO 05	Não, acho que as pessoas estão mais civilizadas.
IDOSO 06	Não, nunca me chamaram de velha, mas se acontecer vou saber responder com educação e clareza.
IDOSO 07	Sim, não gosto, acho que inferioriza e machuca.
IDOSO 08	Não, sei que não é legal, mas acho que não vou me importar se acontecer, a pessoa que chamar é quem deve se envergonhar.
IDOSO 09	Não me lembro, sempre fui bem respeitada não sei se por causa da minha profissão, sou professora.
IDOSO 10	Não é bom né. Mas se chamar não vou ligar todos vão envelhecer também, se conseguir chegar até na idade que estou ai vão sentir na pele o que é ser velho.

Nesse sétimo eixo, verificamos que 80% dos 10 (dez) idosos entrevistados não se incomodam quando são chamados de velhos, porém, destacam que dependendo da maneira como for expresso, o termo pode representar falta de educação e desrespeito. Apenas 20% afirma que não gostam, pois inferioriza e machuca.

Gráfico 9

Acreditamos que a ofensa está na tônica que é empregada à palavra, e não na palavra propriamente dita, às vezes o que fere a um, para outro é motivo de brincadeira. De todo modo, o respeito aos idosos é essencial, logo, carinho e afeto devem pautar a relação com os indivíduos que já atingiram a terceira idade, posto que “cada tempo de vida tem seu propósito e sua beleza” (MAGALHÃES, 1987, p. 23).

Para finalizarmos a pesquisa, fizemos, ainda, dois questionamentos, os quais apontamos: **Que mensagem/conselho você deixaria para um jovem? Se você tivesse que escrever um livro, o que você contaria?** Dessa maneira, mapeamos os eixos **8** e **9** respectivamente, a saber:

EIXO SIGNIFICANTE 8 A vida é um livro que precisa ser lido	
IDOSO 01	Aqui no Lar vêm muitos jovens falo para eles obedecerem aos pais, estudar porque é importante e não usar drogas.
IDOSO 02	O conselho que dou é que eles estudem porque é a única coisa que não roubarão deles, e não se envolva com droga por que o futuro do jovem que se mete no mundo das drogas é a cadeia ou a morte.
IDOSO 03	Sempre aconselho os jovens que vêm aqui a se comportarem, estudar, não ter inimigos, não roubar e também não mexer com drogas.
IDOSO 04	A mensagem é que eles devem ser felizes, não usar drogas, estudar por que hoje é bem mais fácil estudar do que na minha época.
IDOSO 05	Aconselho a ter mais responsabilidades, não se envolver drogas, não beber, não brigar na rua, respeite o próximo e estudar.

IDOSO 06	A mensagem é para estudar e se formar, para que os pais tenha orgulho deles, não andar com pessoas erradas, não beber, não fumar e não usar drogas porque é muito perigoso.
IDOSO 07	O conselho que dou é que eles estudem porque o conhecimento nos faz crescer, aproveitar a vida de maneira saudável e com responsabilidades por que ela passa rápido.
IDOSO 08	O conselho é para estudar por que quem estuda cresce e não cresce sozinho leva outros a crescer também.
IDOSO 09	Aconselho o jovem a estudar muito por que eles são o futuro do nosso país, respeitar o próximo, tudo faz parte da educação.
IDOSO 10	Digo sempre a eles não se envolver em brigas de amigos, não beber, não fumar.

Nesse oitavo eixo, podemos afirmar que idosos tecem vários conselhos e orientações aos jovens, a saber: estudar muito porque é importante e faz crescer; não usar drogas, pois só resultam em dor e sofrimento; não roubar, brigar ou colecionar inimigos; fazer boas amizades; aproveitar a vida da melhor maneira, pois ela é passageira; e, agir de modo a dar orgulho aos pais.

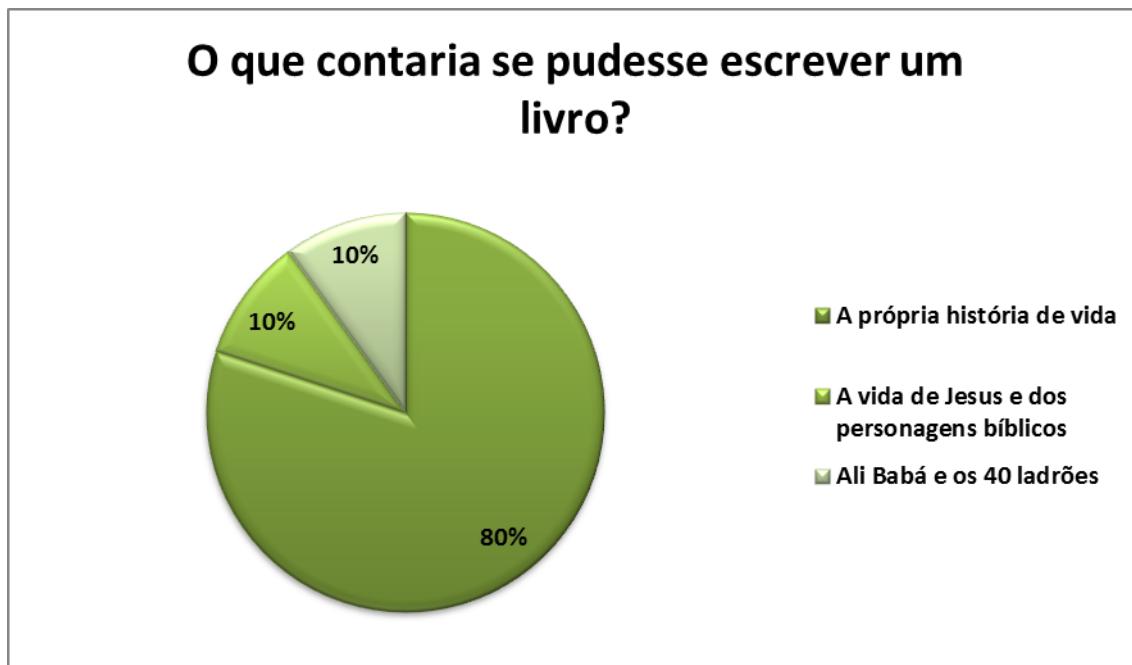
Acreditamos que os idosos têm muito a transmitir aos jovens, através de suas experiências e ensinamentos. É necessário conscientizar os jovens a compreender e amar os idosos, ajudando-os nas suas limitações e dificuldades. Infelizmente, “[...] grande parte dos idosos sofre com as alterações de valores culturais e com a quebra do tradicionalismo, ocasionando conflitos com a geração mais jovem” (ROSSI, ROSSI E SOUZA, 2007, p. 326).

EIXO SIGNIFICANTE 9 Livro: uma janela para a alma	
IDOSO 01	Contaria sobre a minha vida, o que passei, o que fiz, fui muito feliz e tinha muita liberdade não me arrependo de nada.
IDOSO 02	Contaria a minha história de solteiro, de casado e até hoje porque passei muitas coisas boas.
IDOSO 03	Se eu escrever um livro contaria a história de Ali babá e os quarenta ladrões (risos).
IDOSO 04	Eu contaria a minha história por que lembra a minha infância e tudo que passei.
IDOSO 05	Falava da minha vida começando da minha infância até hoje.
IDOSO 06	Eu contaria a minha história sobre os meus namorados que foram poucos e lembro muito deles, se não falha a memória foram dois, os meus irmãos não deixavam eu namorar.
IDOSO 07	Eu contaria a história da minha vida por que foi muito difícil, mas também teve coisas boas.
IDOSO 08	Contaria da religião sobre a vida de Jesus e dos personagens da Bíblia que é muito linda. Falaria de maneira simples e clara para todos entender.
IDOSO 09	Hoje contaria a minha história, eu também sou escritora e o meu primeiro trabalho foi LOUCO DE AMOR.

IDOSO 10	Contaria a minha história, por que dancei bastante, conheço quase todo o Brasil, pois gostava de viajar sinto saudades desse tempo.
-----------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Nesse nono eixo, verificamos que 80% dos 10 (dez) idosos entrevistados escreveriam um livro falando sobre sua própria história de vida, pois gostariam que as pessoas soubessem um pouco de sua infância, juventude, relacionamentos, casamento, suas alegrias e tristezas, amores e viagens. 10% dos entrevistados escreveriam sobre a vida de Jesus e os personagens bíblicos, e outros 10% escreveriam, ao seu modo, sobre o personagem fictício de Ali Babá e os 40 ladrões.

Gráfico 10



Compreendemos que não existe melhor história para o idoso do que a que lhe traz identificação, e falar de sua vida para as pessoas, além de tê-la e de compartilhá-la como ensinamento, lhe traz bastante orgulho e sentimento de dever cumprido. Para Quaknin (1996, p. 14) “O ser humano vivo é um corpo falante. O sopro da vida passa pelo sopro da palavra”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode deixar de frisar que a temática escolhida para esta pesquisa, nos apeteceu desde o primeiro instante. Isto porque, foi possível trabalhar ao mesmo tempo com dois eixos significativos: a Biblioterapia e o Idoso. Desta relação surgiu a ideia de se conferir uma finalidade social ao presente trabalho, cuja materialização se perfilhou por meio de visita/pesquisa junto aos idosos que residem no Lar da Providência Carneiro da Cunha, o que representou uma experiência fantástica, não só como implementação metodológica, mas, como enriquecimento pessoal da autora.

Por meio do diálogo que mantivemos com os senhores e senhoras daquela instituição, no levantamento dos fatos e experiências de cada um, percebemos o quanto a vida é valiosa, porém, efêmera e, por tal razão deve ser aproveitada intensamente, sob pena de na velhice deparar-se com o sentimento do arrependimento.

Igualmente, a partir das respostas, carinhosamente ofertadas pelos idosos do Lar, foi possível sentir na pele a sensação do envelhecimento, marcado pela saudade, solidão, desgosto, mas, também, pela gratidão, sentimento de dever cumprido, lições de vida, e fé no poder da mudança através do amor fraterno.

A Biblioterapia voltada para os idosos, enquanto norte da presente investigação motivou uma série de considerações, que certamente não se encerram, em virtude das inúmeras indagações e aprofundamentos, necessários e contínuos ao presente estudo.

Percebeu-se que a Biblioterapia, pode de fato, contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos idosos, os quais, submetidos a sua prática logram de importantes benefícios, cujos positivos reflexos são aferíveis em seu estado de saúde mental, psicológico, sentimental e comportamental, garantindo um autodomínio e desenvolvimento pessoal, por meio de valores e descobertas proporcionadas pela leitura terapêutica.

Igualmente, considera-se que através da leitura, sobretudo, a de cunho terapêutico, o idoso é capaz de dialogar consigo mesmo, com os outros e com o mundo em sua volta, despertando para as novas possibilidades, antes não percebidas nesta etapa de vida, restabelecendo, portanto, o prazer de viver, e contribuindo para o enfrentamento dos problemas próprios do envelhecimento.

Assim, chega-se ao entendimento de que a Biblioterapia para os idosos, não se limita a simples atividade de prestar serviço assistencialista e caridoso, tampouco se funda no gesto de piedade ou enclausuramento daqueles, mas, destina-se a servir como instrumento humanização e resgate da cidadania dessas pessoas que chegaram à terceira idade,

favorecendo a socialização destes com o meio circundante, elevando sua autoestima, e tornando-os capazes de viverem com mais dignidade e fortalecimento.

Através da leitura, o idoso encontra novos significados e valores que o levam a ser protagonista de sua própria história, passando a olhar para a velhice como sendo uma nova chance de vivenciar novas experiências.

O problema da pesquisa restou respondido, uma vez que percebeu-se junto aos entrevistados, que a leitura, assim como as atividades Biblioterapêuticas são, de fato, fundamentais na vida dos idosos, ajudando-os no enfrentamento das adversidades e estimulando o prazer de viver.

Outrossim, os objetivos foram alcançados, na medida em que foi possível compreender a importância da Biblioterapia no cotidiano dos idosos do Lar da Providência Carneiro da Cunha, bem como registrou-se as histórias/memórias/lembranças de leituras dos idosos entrevistados que residem na referida instituição.

Concluímos, ainda, que o desenvolvimento da Biblioterapia para o idoso, é de relevância para a sociedade, de modo que, esperamos que a pesquisa desperte a atenção dos profissionais da informação e de todos os interessados no aprofundamento de estudos e pesquisas e de ações de incentivo à Biblioterapia para grupos da terceira idade. Assim sendo, esperamos que os resultados da pesquisa, possam contribuir para instigar os pesquisadores a repensar a amplitude e a complexidade da Biblioterapia e do acesso à leitura, no intuito de buscarem alternativas efetivas de ações transformadoras no espaço dos estudos de usuários, na área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, visto a variedade de fatores de natureza social, cultural e políticos envolvidos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. *Rev. Bras. Bibliotecon. e Doc.* v.15, n. 1/2, p. 54 – 61, jan./jun. 1982.
- BARBIER, René. A escuta sensível em educação. *Cadernos ANPED*, Belo Horizonte, n.5, p. 11-43, 1993.
- BENEDETTI, Luciane Berto. **Biblioterapia para pacientes adultos internados em uma unidade hospitalar:** uma proposta de humanização. 2008. 32 f. Projeto de pesquisa (Especialização em Informação Científica e Tecnológica em Saúde) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://migre.me/g3ueP>>. Acesso em: 12 abr. 2017.
- BRASIL. Estatuto do Idoso. Lei nº 10.741/2003. In: ANGHER, Anne Joyce. (org.) **Vade Mecum Acadêmico de Direito Rideel**. 21. ed. São Paulo: Rideel, 2017.
- _____. Política Nacional do Idoso. Lei nº 8.842/94. In: ANGHER, Anne Joyce. (org.) **Vade Mecum Acadêmico de Direito Rideel**. 21. ed. São Paulo: Rideel, 2017.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Enc. Biblioterapia: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 12, p. 32-44, 2001. Disponível em: <www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewPDFInterstitial/36/5200>. Acesso em: 09 abr. 2017.
- _____. *Leitura e terapia*. 2009. 216 f. Tese (Doutorado em literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PLIT0342-T.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2017.
- CASSIS, Célia. O Velho. **Revista Cláudia**, São Paulo, v.43, n.3, p.129-131, mar. 2004.
- CERQUETANI, Samantha. A Biblioterapia pode diminuir a ansiedade, depressão, fobias e até mesmo melhorar a autoestima entre diversos tipos de público e faixas etárias. 2013. **Revista VivaSaúde**. Edição 119. Disponível em: <<http://revistavivasaude.uol.com.br/saude-nutricao/106/ler-para-lidar-com-os-males-da-alma-a-246206-1.asp>>. Acesso em: 20 mai. 2017.
- COGO, Paulo S. Fernandes. A universidade para a terceira idade como espaço de vida, cidadania e construção de possibilidades. In: CASTRO, Odair Perugini de. (Org.). **Velhice, que idade é essa?**: uma questão psicossocial do envelhecimento. Porto Alegre: Síntese, 1998. 190 p.
- CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/ Livros, 2008.
- DIAS, Susana Oliveira. Imagens da Velhice. **Revista Eletrônica da Terceira Idade**. 2004. Disponível em: <http://www.techway.com.br/techway/revista_idosos/cultura_susana.htm>. Acesso em: 02 abr. 2017.

DICIONÁRIO DO AURÉLIO: Dicionário de português. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/Empatia>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

FERREIRA, Danielle T. - Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD - Educação Temática Digital**. Campinas (SP), v.4, n. 2, jun., p. 35-47, 2003. Disponível em WWW: < <http://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/viewArticle/1809> >. Acesso em: 12 mai. 2017.

FONTELE, M. F. et al. *A biblioterapia no tratamento do câncer infantil*. Fortaleza: UFC, 1995. Projeto de pesquisa do curso de Biblioteconomia e Psicologia da UFC.

FRAIMAN, Ana. **Coisas da idade**. São Paulo: Editora Gente, 1995. 143p.

GOMES, Henriette Ferreira. A mediação da informação, comunicação e educação na construção do conhecimento. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 9, n. 1, fev. 2008.

HASSE, Margareth. **Biblioterapia como texto**: análise interpretativa do processo biblioterapêutico. 2004. Disponível em: <http://tede.utp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=9>. Acesso em 03 abr. 2017.

KNOPLOCH, Carol. **Idosos serão um quinto do planeta em 2050, diz OMS**. O GLOBO. on-line, Rio de Janeiro, setembro, 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/saude/idosos-serao-um-quinto-do-planeta-em-2050-diz-oms-17649843>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J. B. (1994). *Vocabulário de psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: M. Fontes. Apud CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **Revista Eletrônica Biblios**, Florianópolis, Ano 6, n. 21-22, Jan. – Ago. 2005. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/6727/1/2005_03.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2017.

LEITE, Ana Claudia de Oliveira. Biblioteconomia e biblioterapia: possibilidades de atuação. **Revista de Educação**, Valinhos, SP, v. 12, n. 14, p. 23-37, 2009. Disponível em: <<http://migre.me/g3vd7>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: Copacabana, 1987.

MARCINKO, Stephanie. Bibliotherapy: practical applications with disabled individuals. *Current studies in Librarianship*, v. 13, n. 1/2, p. 1-5, Spring/Fall 1989.

MELLO, R. R. *Metodologia de investigação comunicativa: contribuições para a pesquisa educacional na construção de uma escola com e para todas e todos.. In: Reunião da ANPED, 29a, Caxambu. 2006. v.1. p. 1-17.*

MORENO, R. L. R. et al. Contar histórias para crianças hospitalizadas: relato de uma estratégia de humanização. **Pediatria**, v. 4, n. 25, p. 164-169, 2003. Disponível em: <<http://www.pediatriasaopaulo.usp.br/index.php?p=html&id=593>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

NASCIMENTO, Geovana Mascarenhas do; ROSEMBERG, Dulcinea Sarmento. A biblioterapia no tratamento de enfermos hospitalizados. **Inf. & Inf.**, Londrina, PR, v. 12, n. 1, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://migre.me/g3vg4>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

OMS. Organização Pan-Americana da Saúde. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. World Health Organization. Tradução Suzana Contijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf>. Acesso em 03 abr. 2017.

ORSINI, Maria Stella. O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia. **Comunicações e Artes**, São Paulo, v.11, p. 139-149, 1982.

PAPALÉO NETTO, M. O estudo da velhice no séc. XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, E. et al.(Orgs.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Kroogan, 2002. p. 2-12.

PEREIRA, Marília M. Guedes. *Biblioterapia*: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

PINHEIRO, Edna Gomes. Entre o sonho e a realidade: a leitura/informação como atribuição de sentido no contexto do câncer infantil. 2001. 210 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

_____ et al. **Abra os olhos e também o coração:** a história do projeto reviver – biblioterapia com crianças portadoras de câncer. João Pessoa, 2002. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/anais/lcbeu_anais/anais/educacao/reviver.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2017.

PINTOS, C. G. **A Logoterapia em contos: o livro como recurso psicoterapêutico**. São Paulo: Paulus, 1999.

QUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

RATTON, Ângela Maria Lima. Biblioterapia. **Revista Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 198 – 24, set. 1975.

RIBEIRO, Ângela M.L. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioterapia da UFMG**. Belo Horizonte, v.4, n.2, p.198-214, set.1975.

ROSA, Aparecida L. R. As cartas de Ana Cristina César: uma contribuição para a Biblioterapia. 2006. 83 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Fundação Comunitária Tricordiana em Educação, Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, Três Corações, 2006.

RODRIGUES, Lizete de Souza Rodrigues; SOARES, Geraldo Antonio. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. **Revista Ágora**, Vitória, n. 4, 2006, p. 1-29. Disponível em:

<<http://www.ucg.br/ucg/unati/ArquivosUpload/1/file/Artigos%20e%20Cap%C3%ADtulos%20de%20Livros/Velho,%20idoso%20e%20terceira%20idade%20na%20sociedade%20contempor%C3%A2nea.pdf>>. Acesso em 08 abr. 2017.

ROSSI, Tatiana; ROSSI, Luciene; SOUZA, Maria Raquel. Aplicação da biblioterapia em idosos da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE). **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 322-340, jul./dez., 2007. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/505/650>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

SALGADO, Sebastião. **Livro terra**. São Paulo: Schwarcz, 1997.

SCOGIN, Forrest et al. **Bibliotherapy for depressed older adults: a self-help alternative**. **The Gerontologist**. v. 27, n. 3, 1987. p. 383-387.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica**. Florianópolis: ACB: Habitus, 2006.

SIGNIFICADOS. Significado de Empatia. 2017. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/empatia/>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

SIMÕES, Regina. **Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso**. 3. ed. Piracicaba: Unimep, 1998.

SINESIO, Neila Barbosa Osório. **Universidade da melhor idade: uma proposta salesiana para idosos**. Campo Grande: UCDB, 1999.

VÁSQUEZ, Maria Socorro A. F. Fernández. Biblioterapia para idosos: um estudo de caso no lar da Providência Carneiro da Cunha. 1989. 140 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1989.

VOLTAIRE, 1767 *apud* SILVA, Dayanne Bezerra. Biblioterapia processo de interação que restitui a vida: ler faz bem aos olhos e ao coração. João Pessoa, Graduação em Biblioteconomia, Universidade Federal da Paraíba, 2013.

A PÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista com os sujeitos da pesquisa.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIENCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA**

Prezado (a),

Estamos realizando uma pesquisa para elaboração de Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, assim sendo o presente questionário tem por objetivo analisar as atividades de Biblioterapia realizadas no Lar da Providência Carneiro da Cunha, cuja finalidade é examinar na prática como a Biblioterapia pode dar sentido à vida do idoso, residente no Lar da Providencia Carneiro da Cunha, bem como registrar as histórias/memórias/lembranças de leituras dos idosos residentes daquela instituição.

Ressaltamos, que os resultados oriundos deste levantamento serão apresentados de forma agregada (falas, análises e interpretações), impedindo a identificação de respostas individuais, garantindo-se, assim, o sigilo e a confidencialidade das informações. Após a sua participação nesta pesquisa, caso seja de seu interesse, retornaremos aos resultados finais. Caso tenha dúvidas quanto à credibilidade deste formulário, favor entrar em contato com os pesquisadores.

Contatos:

Profª Edna Gomes Pinheiro (UFPB/CCSA/DCI) – ednagomespi@yahoo.com.br

Concluinte do Curso de Graduação em Biblioteconomia da UFPB –
rocicleidydecarvalho@gmail.com

Desde já, agradecemos sua valiosa participação.

PERGUNTAS CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO

Nome:

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

- 1. Me conte porquê e como você chegou no Lar da Providência.**
- 2. Do que você mais sente falta em sua vida?**
- 3. Você sabe ler e escrever? Caso negativo aponte as dificuldades**
- 4. Gosta mais de ouvir ou de contar histórias? Qual sua história preferida?**
- 5. Por que essa história é sua preferida? Ela te lembra algo? Conte ela para mim**

6. O que é a velhice para você? Como você se sente com a idade que tem?
7. Qual a importância da leitura para o envelhecimento? Ela te ajuda em algo? Em que?

Relaxamento Enriquecimento intelectual Lazer

Espiritualidade Humor Outros; Quais_____

8. Você se incomoda quando te chamam de velho? Justifique

9. Que mensagem/conselho você deixaria para um jovem?

10. Se você tivesse que escrever um livro, o que você contaria?

11. Sobre quais assuntos você gosta de ler ou ouvir história

Atualidades Saúde Auto ajuda

Esporte Culinária Música

Religião Velhice Vida de artistas

12. Que tipo de obra você gosta de ler ou que leem para você?

Bíblia Livros Revistas Gibis

APÊNDICE B – Fotos do Lar da Providência.

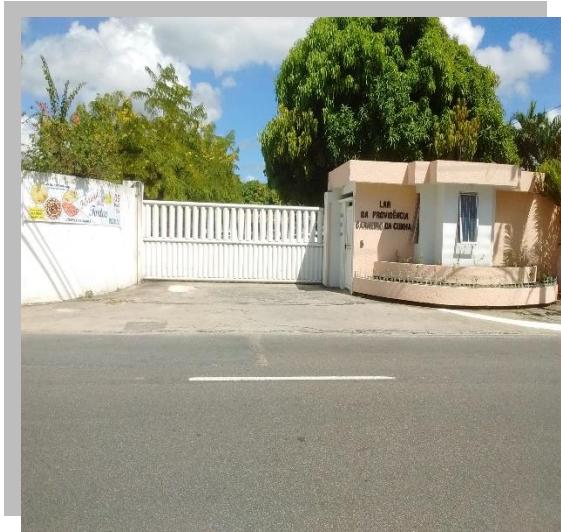


Foto 1 - Acesso principal



Foto 2 - Pátio do LAR



Foto 3 - Capela do Lar



Foto 4 - Administração do Lar



Foto 5 - Portão de Acesso aos blocos



Foto 6 - Dormitorios das Freiras

APÊNDICE C— Fotos do Lar da Providência (Continuação).



Foto 7 - Auditório principal



Foto 8 - Auditório principal



Foto 9 - Auditório principal



Foto 10 - Auditório principal



Foto 11 - Pátio do Lar

Foto 12 - Pátio do Lar

ANEXOS

ANEXO A – Ofício encaminhado à Instituição Lar da Providência, solicitando autorização da pesquisa.



Oficio nº. 01 – DCI/2017

João Pessoa, 17 de abril de 2017.

Da: Chefia do Departamento de Ciéncia da Informação
Profª Edna Gomes Pinheiro

Para: Direção do Lar da Providência Carneiro da Cunha
Irmã Rosário dos Reis Silva

A chefe do Departamento de Ciéncia da Informação, profª Edna Gomes Pinheiro, na qualidade de orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da aluna do Curso de Biblioteconomia, Rosicleide de Carvalho Leite, matrícula 1112327, solicita autorização de Vossa Senhoria para que a citada aluna possa realizar a pesquisa entitulada “A leitura como produção de sentidos” com os idosos residentes no Lar da Providência. Para tal, é necessário que a aluna realize entrevistas com a finalidade de obter informações para a construção do TCC em pauta.

Ressalto que as informações obtidas serão registradas de forma a impedir a identificação das pessoas entrevistadas, garantindo, assim a confidencialidade das mesmas.

Certa de contar com seu apoio e compreensão, aguardo uma resposta favorável.

Atenciosamente,

Edna Gomes Pinheiro
Profª Drª Edna Gomes Pinheiro
Chefe do DCI/CCSA/UFPB
SIAPE - 0290121

Maria do Rosário dos Reis Silva
Maria do Rosário dos Reis Silva
CPF: 674.490.69
Diretora